O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | SABBADO 4 DE MARÇO DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4$243

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

AVEIRO

O monopolio dos annuncios

Voltam alguns nossos collegas da imprensa á estacada contra o decreto de 29 de dezembro ultimo, com que o sr. Dias Ferreira pretendeu sacrificar á imposição de meia duzia de ambiciosos os mais claros e os mais respeitaveis principios de direito.

Nada temos a perder com a adjudicação do monopolio a qualquer outro jornal, porque, repetimos, vivendo sempre do favor da opinião e do exforço do seu dignissimo proprietario, o *Campeão das Provincias* foi o primeiro na brexa contra tudo o que provinha da inepcia do sr. Dias Ferreira, tendo por todas essas medidas, que ficaram por todo e sempre para deshonra do ministro execrando, o desprezo e o desdem que ellas mereciam.

Revolta-nos, todavia, a cruzada de extreminio com que o ministro rancoroso pretendeu ferir a imprensa, sacrificando á ambição dos heroes do negocio sujo esses sagrados principios, que tinha por dever respeitar.

Não se contentava o sr. Dias Ferreira em desviar a publicação dos annuncios officiaes das localidades em que por lei ella tem de ser feita. Era-lhe mister, para complemento da sua obra de destruição e de desmoralisação, saltear tambem uma vez mais os foros da justiça e esmagar o direito em holocausto aos seus immortaes principios de repressão, de negocio aventureiro e de interesseiro egoismo.

Agora, porém, que elle deixou de existir e se sumiu para sempre na vala raza dos perdidos, de que jámais tornará a erguer-se, é preciso que o governo que o substituiu revogue sem demora esse decreto obnoxio e attentatorio dos interesses publicos e das garantias da imprensa.

Como se ha-de cumprir a disposição do § 1.º do art. 600 da Novissima Reforma Judiciaria, que preceitua *dever ser feito o annuncio judicial n'um dos periodicos da localidade em que tenha de ser feita a arrematação, ou em algum da cabeça da comarca, não havendo aquelles?*

O artigo 197.º do Codigo do Processo Civil diz tambem *que a citação que se fizer por meio de editos, será annunciada em dois n.os da folha official e em outros dois de periodicos da localidade em que os mesmos editaes se affixem.* Como se ha-de, pois, harmonisar o malfadado decreto de 29 de dezembro ultimo com as determinações da legislação citada?

Não as conhecia o sr. Dias Ferreira quando atirou o repto á imprensa comarcã? Mas tinha obrigação de conhecel-as.

Logo, ou quiz saltar por sobre a lei quando tentou ferir a imprensa, ou é um ignorante de primeira força, e um imbecil de primeira grandeza.

Optamos por esta segunda incontestavel verdade. E os tristes mas reaes documentos que deu da sua ignorancia e do seu atrevimento, ahi estão a attestal-o heroicamente.

Deixemol-o com todas as responsabilidades que assumiu, e com todas as maldições que grangeou. Não serão poucos os remorsos da sua consciencia, se a tiver ainda.

Entretanto, mande o governo dizer no paiz pelos seus jornaes se está resolvido a manter a affrontosa investida do sr. Dias Ferreira contra a imprensa, ou se se dispõe a levantar a injuria, revogando immediatamente esse decreto sangrento.

E' urgente que o faça, se não quizer assumir a responsabilidade do ominoso erro do ministro que a decretou.

Valor, lealdade e merito

Por um decreto recentemente lavrado e publicado, houve por bem o throno premiar o *valor*, a *lealdade* e o *merito* do sr. José Dias Ferreira com o habito da Torre e Espada.

E' uma distincção com que a corôa costuma honrar os presidentes de conselho de ministros, mas seja-nos licito dizer que nunca essa degnidade desceu tão baixo.

Onde está o *valor* do sr. José Dias?

Nas suas medidas de repressão e de violencia contra todas as liberdades legaes? Na campanha de destruição que levantou contra tudo o que ainda tinhamos de precioso e de util?

Quem descobriu no animo do novo fr. Thomaz, que andou vinte annos a prégar a moralidade de que se divorciou no poder, a *lealdade* que lhe attribue a distincção? Onde está ella? Nos grandiosos commettimentos de perseguição acintosa que promoveu nos que o ajudaram a elevar tão alto? Na guerra sem treguas e sem quartel com que feriu os que por muitos annos lhe garantiram uma cadeira no parlamento?

Quem jámais reconheceu no infeliz e desastrado conselheiro da corôa o *valor* que só a Torre e Espada lhe premeia agora erradamente? Na devastadora batalha eleitoral do anno passado, em que mandou arcabuzar o povo e em que fez espadanar revolto nas ruas e praças publicas o sangue generoso de muitas victimas?

Mal diria Affonso V, ao instituir o distinctivo da Torre e Espada, que ella havia de glorificar tanta miseria e tanta podridão! O sr José Dias fez tudo isso de que o accusamos, e comnosco toda a gente digna, chegando quasi a divorciar a corôa da nação, e foi por fim contemplado com uma das primeiras distincções do nosso paiz! Como tudo isto vae descendo, Deus do Céu!

Ainda a amnistia

No jornal que se diz orgão do sr. Dias Ferreira, escreve o grande liberal ministro já deposto as seguintes criminosas palavras:

«Tem-se levantado duvidas ácerca do decreto da amnistia, com relação a João Chagas, Verdial e Santos Cardoso, que além de implicados em crimes politicos tem de responder pelo crime de evasão. A amnistia com effeito estende-se só a crimes politicos, e não a crimes communs que só poderão ser perdoados, mas depois de julgados por sentença. Sendo assim, João Chagas, Verdial e Santos Cardoso tem de responder pelo crime de evasão embora amnistiados pelos crimes politicos.»

Eis, resumidamente, a opinião e a vontade do sr. Dias Ferreira, traduzidas por esse escripto de... lama. Como ha a coragem e a inconsciencia necessarias para se escrever isto, é do que pasmamos! Não se satisfez, o sr. José Dias, em mandar encerrar de novo, n'um calabouço immundo, inhabitavel, o jornalista João Chagas, mandando-o perseguir com toda a ferocidade cruel dos seus instinctos de hyena. Era preciso ainda a sua generosidade de tigre vir levantar na imprensa uma questão já morta!

Que sangue frio d'heroe! Que valentia d'animo e de... despota!

Pois resta ver que o seu conselho produza os fins a que visava.

A questão dos alcooes

E' do *Correio da Tarde* de hontem o seguinte artigo:

O *Diario do Governo* publica hoje o annunciado decreto relativo aos alcooes, considerando de não effeito a constituição do gremio de 30 de maio e mandado applicar e executar as disposições da lei de 12 d'abril e do regulamento de 12 de maio de 1892. E' a primeira vez que vemos uma portaria annullada por um decreto, mas isso não faz ao caso. Antes de mais do que de menos. No preambulo do decreto invoca-se o parecer da procuradoria geral da corôa, declarando que o gremio dos alcooes não foi constituido legalmente, *por não abranger dois terços do numero das fabricas existentes e sujeitas ao imposto* e que o rendimento proveniente do regimen do gremio produzio apenas para o estado 58.770$943 réis, quando é certo, que de tal systema, com bom processo de tributação, o thesouro deverá auferir importante receita.

D'este preambulo resulta que o governo reconheceu officialmente a veracidade e authenticidade das allegações produzidas no parlamento pelo sr. deputado Eduardo Abreu, isto é, que na constituição do gremio se deram como existentes fabricas que não existiam, illudindo-se assim os poderes publicos, commettendo-se uma fraude punivel pelas leis. Publicado na folha official o decreto de 2 de março, em que clara e positivamente se affirma que a fraude existio, quer-nos parecer que ha alguma cousa mais a fazer. De certo o sr. ministro da fazenda vae enviar ao ministerio publico os documentos comprovativos do abuso commettido afim de elle proceder contra os delinquentes. *Esta deve ser a primeira consequencia* da annullação do gremio dos alcooes, nos termos e pela forma em que acaba de ser decretada.

Eis o decreto:

«Considerando que, ouvida a procuradoria geral da corôa e fazenda, emittiu esta o parecer de que o gremio das fabricas de alcool não foi constituido nos termos legaes, porque não abrangeu dois terços do numero das fabricas existentes e sujeitas ao imposto;

Considerando que o rendimento proveniente do regimen do gremio produziu apenas para o estado, de agosto a janeiro passados, a somma liquidada de 58:780$943 réis, quando é certo que de tal origem, dado um bom systema de tributação, deve o thesouro auferir importante receita; e

Tendo em vista o disposto na lei de 12 de abril de 1892;

Hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º Fica do nenhum effeito a portaria de 8 de julho de 1892, que declarou o gremio das fabricas de alcool e aguardente constituido por contrato de 30 de maio do mesmo anno, nas circumstancias de lhe serem applicaveis as disposições da lei de 12 de abril e regulamento de 12 de maio de 1892.

Artigo 2.º O alcool produzido pelas fabricas do continente do reino e ilhas adjacentes, não exceptuado do pagamento do imposto de producção pela lei de 12 de abril de 1892, fica sujeito á taxa de 100 réis por litro, fixada no § 2.º do artigo 1.º da referida lei, até ulterior resolução das cortes.

§ unico. A' mesma taxa fica sujeito o alcool actualmente existente nos depositos e armazens das fabricas que constituiram o gremio. A differença entre a taxa de 100 réis e o imposto que já houver sido pago, será cobrada por deposito.

Artigo 3.º A liquidação e cobrança do imposto de producção e a verificação da pureza dos alcools far-se-ha á sahida das fabricas, nos termos das disposições do regulamento de 12 de maio de 1892.

§ 1.º Para a fiscalisação do imposto são dispensados os contadores, a que se refere o artigo 21.º do regulamento de 12 de maio de 1892; ficando, porém, a cargo das fabricas a despeza com os reagentes necessarios para a verificação da pureza dos alcools, alem dos instrumentos a que se refere o artigo 20.º do citado regulamento.

§ 2.º O alcool que for considerado improprio para consumo só poderá sair das fabricas depois de desnaturado, por fórma que se não possa operar a sua revirificação. Instrucções especiaes determinarão os processos que devem seguir-se n'esta desnaturação, permittindo, todavia, que o alcool desnaturado seja applicavel a usos industriaes.

Artigo 4.º O governo tomará as providencias necessarias para regular a importação do alcool estrangeiro, nos termos da alinea *h*) do § 1.º da lei de 12 de abril de 1892.

Artigo 5.º Consideram-se em vigor todas as disposições do regulamento de 12 de maio de 1892 não alteradas pelos preceitos de este decreto.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda assim o tenha entendido e faça executar. Paço, 2 de março de 1893. = REI = *Augusto Fuschini.*»

Não podemos deixar de dizer que o sr. ministro da fazenda procedeu com energia na solução d'esta questão, que encontrou pendente e que estava sob a observação publica desde que o sr. dr. Eduardo Abreu fez as revelações que fez na camara dos senhores deputados e que causaram profunda e geral impressão, por sejverificar que, nas circumstancias em que se acha o thesouro, em vez de se tirar proveito do rendimento da industria dos alcooes em favor d'elle, se tinham favorecido interesses particulares, recorrendo para isso a meios menos regulares, como o de dar como existentes fabricas que não existiam, afim de poder formar o numero exigido para a constituição do gremio. O decreto de 2 de março é uma affirmação de moralidade que não hesitamos um momento em applaudir.

Oxalá que o sr. ministro da fazenda não desanime e se mantenha n'esta attitude em todas as questões que tem a rasolver.

NOTICIAS DO BRAZAL

A Agencia Havas tem transmittido de Londres telegrammas terroristas sobre o estado do Brazil. Segundo esses telegrammas, as forças insurrectas do Rio Grande do Sul elevar-se-iam já a 12 mil homens, e a junta insurgente teria encommendado já material de guerra na Allemanha. Este boato espalhado na City, parecia exagerado, mas um telegramma acabado de chegar do Porto longe de o desmentir, antes o confirma. Diz assim esse telegramma:

PORTO, 3, manhã.—Um telegramma do Rio de Janeiro diz que a revolução no estado do Rio Grande do Sul tomou maior incremento havendo scenas de grande violencia.

Se á ultima hora soubermos mais alguma cousa, diremos o que nos constar.

CARTA DE LISBOA

3 DE MARÇO DE 1893.

Assumem um grau de gravidade que não pode occultar-se as exigencias dos governos dos paizes em que ha credores do estado. O governo recebe n'este sentido reclamações que desalentam, pois fazem crer que não dispensam as maximas garantias e diz-se mesmo que a administração estrangeira. Ora isto é sério de mais para que possamos considerar o governo em leito de rozas. Em qualquer caso, o governo não está bem, pois que, se accede ás exigencias dos credores patrocinadas pelos seus respectivos governos, não fica bem com o paiz; se não accede tem de romper com os governos, combinados sobre o assumpto que tanto nos opprime.

O governo está no firme proposito de fazer politica mansa. Quer e pede o auxilio dos partidos e faz bem. Os seus actos até hoje não deslizam das suas affirmativas. Procedendo assim, não aggravará a situação, que sem mesmo levantar as paixões, é já difficil.

— O assumpto do dia é ainda a modificação do pessoal do ministerio da guerra. Dão-se a proposito d'isso varias explicações de motivos de occasião, como determinantes d'este procedimento. Quer-me parecer que não merece muito a pena esta discussão, e por um motivo ou por outro os factos haviam de se passar como tiveram logar. Ha muito que se pensa n'uma reorganisação profunda do ministerio da guerra e que se diz que para esta reorganisação era essencial a substituição do pessoal superior: o primeiro alijado foi o sr. Cornelio, agora foram outros. Ao que se vê o novo ministro trata de dar de prompto e rapidamente o golpe que se dizia ser necessario. A intriga ferve em volta d'este caso: nem admira. Lamenta-se muito que não tenha entrado para o gabinete o sr. Moraes Sarmento; é provavel que n'este caso as coisas corressem com menos violencia, mas supponho que os resultados não seriam muito differentes. Diz isto um collega de Lisboa.

— Sobre a nomeação de governadores pouco mais ha. Para Coimbra vae effectivamente o sr. Neves e Sousa que alli governou na gerencia do fallecido Lopo Vaz. Parece fóra de duvida que o sr. visconde de Balsemão é conservado ahi, pois que tem a abonal-o seu caracter sério e politicamente pacifico. Para Bragança parece que vae o sr. barão de Paço Vieira, Alfredo.

— E' candidato pelo circulo de Penacova o sr. Augusto Fuschini. A eleição alli é no proximo domingo—além d'ámanhã.

— Foi nomeado director da Escolado Exercito o nosso illustre amigo e distinctissimo official superior do exercto, o sr. conde de S. Januario. Não podia ser mais acertada a escolha. A' sua quita illustração, proficiencia militar, espirito de ordem e de disciplina, allia-se. ex.ª uma alta comprehensão dos seus deveres, porque é um caracter levantado e digno.

— O sr. tenente coronel Moraes Sarmento assumiu ante-hontem o seu novo logar de promotor de justiça no tribunal superior de guerra e marinha. Este distinctissimo official, na sua estreia, definiu a attitude que se propunha seguir no exercicio das suas novas funcções que são de fiscal imparcial da lei sem rigores violentos nem complacencias dissolventes.

— O governo pensa sériamente na remodelação dos impostos. Affirma-se que a opinião mais corrente no espirito do sr. ministro da fazenda é o imposto do rendimento, velha ideia do partido progressista. As informações que tenho vão ainda além d'isto e é que serão modificados alguns dos actuaes impostos de consumo, extinguindo-se o imposto do pescado.

— Do novo ministro da guerra conta-se o seguinte facto:

Ha pouco tempo, o sr. coronel Silva, foi transferido de caçadores 12 para infanteria 21. De passagem por Lisboa, s. ex.ª dirigeu-se ao sr. Pimentel Pinto afim de, como então director da administração militar, combinar a maneira de mandar vir para Lisboa, o seu cavallo praça, que deixara na ilha. Combinada esta questão de serviço, o sr. coronel Silva, disse ao sr. Pimentel Pinto:

«V. ex.ª faz-me um favor?

«Estou ás suas ordens, respondeu com a sua peculiar delicadesa, o sr. Pimentel Pinto.

«Se antes de eu me reformar, v. ex.ª fôr ministro da guerra, colloca-me caçadores 12, pois que me é penoso estar no continente?

«Essa é bôa; eu penso lá em ser ministro da guerra? E demais, não ha crise aberta, nem é provavel que se dê por estes mezes mais proximos.

«Mas se o governo actual cahir e v. ex.ª fôr chamado aos conselhos da corôa, promette-me que me colloca em caçadores 12?

«Mas como quer v. ex.ª que eu faça tal promettimento, se, como já lhe disse, nem aspiro, nem sequer penso em ser ministro?

«Mas se o fôr, retrucou o teimoso coronel, promette-me que me colloca no regimento de onde venho?

«Prometto, respondeu o sr. Pimentel Pinto, com um amavel sorriso.

«Muito abrigado a v. ex.ª.»

E a promessa, cumpriu se. Na primeira ordem do exercito que se publicou depois de o sr. Pimentel Pinto ser ministro, foi dada ao sr. coronel Silva a collocação que desejava, — em caçadores 12.

— Não é verdade que o sr. Antonio Eunes tenha escripto artigos nas *Novidades*, nem que pense em criar jornal. A sua adhesão porém ao partido progressista é cada vez mais pronunciada.

— Um grupo importante de accionistas da Companhia das Aguas offereceu o logar de presidente da sua direcção ao sr. conselheiro José Luciano de Castro, que não o acceitou, agradecendo comtudo muito penhorado a lembrança.

— Uma grande commissão dos moradores de Carnide foi ante-hontem entregar a el-rei uma representação, assignada por mais de 500 pessoas d'aquella localidade, em que pedem a sua magestade se digne ordenar que sejam conservadas as irmãs carmelitas portuguezas no seu antigo convento, com as regalias que teem gosado sempre, e de que agora pretendem esbulhal-as. Consta que as irmãs de S. José pensam em fazer acquisição de uma propriedade rustica e urbana, que um conhecido titular possue no paço de Lumiar.

— O sr. dr. Sousa Martins esteve, ha dias, no Algarve e visitou as lindas e saluberrimas freguezias de Estoy e S. Braz do Alportel, onde a vegetação é opulenta e variada. Segundo diz *O Districto de Faro*, o sr. Sousa Martins ficou encantado e propõe-se estabelecer alli um *sanitarium*, sendo a companhia formada por homens de dinheiro e sciencia. O sitio não póde ser melhor e a direcção mais competente.

— Está agora perigosamente enfermo o sr. Manuel d'Assumpção. A sua vida corre perigo porque a molestia aggravou-se.

— Distribuiu-se hoje em Lisboa um impresso que diz o seguinte:

BURLA! SEMPRE BURLA!

PREVENÇÃO AOS JOGADORES DE LOTERIAS

A Companhia Alliança de Loterias tem listas suas falsificadas como aconteceu na loteria de 23 de fevereiro como já havia falsificado as de 31 de agosto e 17 de setembro do anno findo. Com que intento se fazem taes falsificações? Qual a razão porque a lista official publica como premiados numeros que na lista da companhia são dados como brancos? A resposta é facil. A fraude é evidente. Depois d'isto, que confiança fica merecendo a loteria? Ainda haverá publico que deseje continuar a ser burlado? Povo cuidado com os falsificadores! Acautellem as algibeiras.

Uma victima.

A's auctoridades compete ver o que ha n'isto de verdade para se providenciar como fôr justo. Pois haverá duas listas? Qual é então a official?

— Em conselho de ministros decidiu-se reintegrar o sr. conselheiro Pedro Victor no seu antigo logar de chefe da repartição de minas.

— Diz-se que dentro de poucos dias haverá despacho judicial que alterará a situação actual d'alguns delegados e escrivães de direito.

— Falleceu hoje, no hospital de S. José, quasi repentinamente, com uma lesão cardiaca, o sr. padre Sanches de Castro, capellão da Penitenciaria, e sobrinho do sr. general Sanches de Castro, ex-director geral do ministerio da guerra. O finado era um sacerdote intelligente e gosava geraes sympathias.

— Continuam a chegar, para serem tratadas no instituto anti-rabico, pessoas mordidas de cães damnados. No hospital de S. José entraram ha dias Antonio Augusto Tavares Gavião, de 39 annos, Francisco Rodrigues, de 19 annos, e Maria Josefa, de 58 annos, que haviam sido mordidos por cães damnados.

— Sobre loterias ha mais que o sr. Domingos Esteves Gouveia, representante da firma D. E. Gouveia & Silva, pediu a sua exoneração do logar de gerente da Companhia Alliança de Loterias, e isto por desintelligencias com os seus socios.

— No mez de fevereiro findo, as receiitas aduaneiras, em Lisboa e Porto, attingiram a cifra de 1.177:749$629 réis. Em fevereiro de 1892, a receita foi de 815:240$561 réis, havendo, portanto, uma differença a mais no anno corrente de 362:509$068 réis.

— O sr. ministro da fazenda pensa em propôr ás camaras a conversão da divida, unificando-a toda, externa e interna e tornando-a amortisavel.

— Foi apresentado na egreja de S. Matheus de Grimancellos o revd.º João Antonio d'Oliveira Faria.

Y.

ULTIMA HORA

Acabamos de se receber o seguinte telegramma, que deixa a escorrer sangue os heroes da lista aberta.

LISBOA, 4, ÁS 12 H. E 35 M. DA T.

Campeão das Provincias—Aveiro.

Acaba de ser publicado decreto mandando fazer por escrutinio secreto as eleições das commissões districtaes.

Y.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Está quasi restabelecido dos seus incommodos o nosso amigo, sr. Francisco Elias dos Santos Gamellas, honrado negociante e vereador da camara d'esta cidade.

— Progridem felizmente as melhoras do nosso estimavel amigo, sr. dr. Albano de Mello. Ante-hontem já os medicos lhe tiraram a tala da perna fracturada affirmando-lhe que em breve permittiriam que se levantasse do leito para uma cadeira.

Folgamos immensamente com a boa noticia, que damos com prazer.

— Está de todo restabelecido o sr. Manuel das Neves Ribeiro, digno escrivão de fazenda de Estarreja.

— Está já quasi completamente restabelecida a galante filhinha do nosso bom amigo e abalisado medico d'esta cidade, sr. dr. Pereira da Cruz, o que muito estimamos.

Incommodo.—O sr. Bispo Conde teve necessidade de se recolher ao leito, porque soffreu um incommodo *n'um pé ao descer da sua carruagem*. Que o seu restabelecimento seja prompto, é o que muito desejamos.

Distincção merecida.—Vae ser agraciado com o titulo do conselho de Sua Magestade o nosso respeitavel amigo e distinctissimo lente da Universidade de Coimbra, o sr. dr. Pedro Augusto Monteiro Castello Branco. E' um acto de verdadeira justiça, a merecida distincção.

Nomeação acertada.—Por provisão da Sua eminencia, o sr. Cardeal-Bispo do Porto, acaba de ser nomeado parocho encommendado da freguezia de Villa-Chã, de Macieira de Cambra, o nosso esclarecido amigo e respeitavel sacerdote, rev.º Manoel Tavares de Paiva, de Tagim.

Porque o digno ministro da Egreja é um sacerdote intelligente, e illustrado, foi muito acertada a sua escolha. Felicitamos os povos de Villa-Chã com verdadeiro prazer.

Outra.—A camara municipal d'Oliveira d'Azemeis acaba de nomear o nosso amigo, sr. José Fortunato de Quadros Corte-Real para o logar de amanuense da secretaria, vago pelo fallecimento do sr. Antonio Augusto Barboza da Rocha. O nomeado é um moço intelligente e de excellentes qualidades de caracter por isso a sua nomeação, foi muito acertada.

Fallecimento.—Surprehendeu-nos a noticia que acabamos de receber. O nosso muito presado amigo sr. Antonio Thomaz de Rezende Abreu Freire, d'Avanca, deixou d'existir, e é hoje dado á terra. A morte foi repentina!

Faltos d'espaço para dizer do honrado morto, deixamos isso para o n.º proximo.

E' de Deus um dos homens mais de bem que temos conhecido. Alma d'eleição, caracter purissimo!

E' extrema a nossa dôr.

Obitos.—Falleceu na segunda-feira, n'esta cidade, na edade avançada de 83 annos, o sr. José d'Almeida, um honrado velhinho, sogro de honrados e laboriosos artistas que muito presamos, e que exerceu, até poder, a profissão de pescador. Tomou parte da guerra dos dois irmãos, combatendo nas hostes de D. Miguel, de quem foi sempre um partidario acerrimo.

— Falleceu tambem n'esse dia, na Barra d'esta cidade, o conhecido e antigo empregado Lucio, ha muitos annos doente com uma affecção cerebral que o dementára.

Sermões quaresmaes—Tem prégado aos domingos nas eprejas parochiaes d'esta cidade aquelles sermões o rev.º sr. Barreto, de Cantanhede, orador muito conceituado.

Procissão de Cinza.—Saiu no domingo esta procissão em Ilhavo, indo o prestito com muito aceio. D'esta cidade foi alli muita gente.

Leão XIII.—Passou na quinta-feira ultima o anniversario do chefe da christandade, o papa Leão XIII. Sua Santidade completou 83 annos.

— Entre os numerosos telegrammas de reis, principes e chefes d'estado dirigidos a Leão XIII, por occasião do seu jubileu episcopal, encontramos os de SS. MM. el-rei e a rainha e de S. M. a rainha D. Maria Pia e de S. A. o infante D. Affonso, este escripto em italiano e aquelle em francez. São do theor seguinte:

Supplicamos-vos que acceiteis as mais sinceras felicitações de vossos dedicados filhos — CARLOS E AMELIA.

Pedimos a Vossa Santidade que acceite as nossas muito sinceras felicitações por este grande anniversario, pedindo a Deus que conceda a Vossa Santidade todas as felicidades possiveis e que Vos conserve por longos annos para bem da Egreja e felicidade nossa. Beijando reverentes os pés de Vossa Santidade, somos vossos filhos dedicados e affectuosissimos — MARIA PIA E AFFONSO HENRIQUES.

Assassinato do padre Maio.—Dizem-nos de Albergaria que está definitivamente pronunciado sem fiança Luiz Simões Maio, cunhado do assassinado.

Hydrophobia: — Dizem-nos de Estarreja que ha dias proximo ás moradas da ex.ma sr. D. Antonia de Castro, em Biduido, um cão hydrophobo póz em miseravel estado uma pobre mulhersinha da Murtoza, cujo nome ignoramos. O cão foi morto á foiçada por Manuel Martins Mouco.

Desastre com um revolver.—Na segunda-feira, um creado do nosso presado amigo e digno vereador, sr. Alves da Rosa, tratava de remover o estrume d'uma sentina, em casa da familia Garcia, á rua de Santo Antonio, encontrando alli um rewolver em que pegou e que depois atirou contra uma parede. Este, que não estava travado, batendo em cheio n'uma pedra, explosiu, indo a bala alojar-se na perda esquerda do pobre homem, sendo depois habilmente extrahida pelo reputado clinico d'esta cidade, sr. dr. Luiz Regalla. O homem está por isso livre de perigo.

Feira.—Porque o bom tempo voltou, a ultima feira da Palhaça foi bastante concorrida, abundando em gado bovino e suino, em todo o qual se realisaram transacções de vulto. O gado suino tende a diminuir de valor.

O Rei de Portugal.—Conta a *Soberania do Povo*, de Agueda:

Ha pouco tempo demos a noticia de que de bordo do paquete «Rei de Portugal», de que é commandante o nosso patricio sr. Augusto Dias Cura, se lançára ao mar, não tornando a ser visto, um individuo de nome Angelo Garcia Ramos, que fôra preso no Rio de Janeiro, e enviado para Lisboa, onde tinha que responder por um processo crime.

Noticias vindas do Havre, onde se acha agora o «Rei de Portugal», dizem que fôra encontrado escondido no porão d'aquelle paquete, o Ramos, que todos julgavam tivesse perecido. Conserva-se n'aquelle logar aa 7 dias sem comer nem beber.

O sr. Augusto Cura partiu pou o caso para a direcção da Mala Real Portugueza, á qual pertence o navio, conservando detido a bordo o Ramos que deve voltar a Lisboa no mesmo paquete, o qual vae seguir do Havre para Anvers, d onde sairá a 8 ou 10 do corrente, devendo chegar ao Tejo no dia 15. Eis uma historia que parece inverosimil, se não fosse certificada officialmente.

Febre aphtosa.—Tem causado grandes transtornos aos lavradores a febre aphtosa que ataca o gado bovino. Muitos ha que teem os seus trabalhos de lavoura atrazadissimos em virtude d'aquella terrivel molestia prostrar o gado.

O Porto ha 30 annos—O distincto e conhecido escriptor sr. Alberto Pimentel, acaba de fazer publicar um interessantissimo livro sob o titulo que nos serve de epigraphe, e sobre que já fallámos ha tempo.

Dividido em trinta capitulos, este volume reune os factos principaes da vida portuense de ha trinta annos a esta parte, relembrando acontecimentos e vultos da primeira sociedade portuense. E' um livro curioso, palpitante, cheio de interesse e de muita utilidade, magnificamente escripto, como são todas as obras do primoroso escriptor, e como é tudo o que sáe da casa editora dos srs. Magalhães e Moniz, do Largo dos Loyos, Porto.

Agradecemos a gentil offerta do volume que acabamos de ler, e que nos deixsu completamente satisfeitos. Quem ame apaixonadamente as letras portuguezas, deve fazer a acquisição do *Porto ha 30 annos*.

Suspensão de publicação.—As *Instituições Christãs* deixaram d'existir. Em 11 annos de publicação prestou grandes serviços á Egreja, advogando com fervor e sem fanatismo a sã doutrina catholica. Era esta a sua missão, que cumpriu nobremente. Apparece agora um orgão do catholicismo, o *Correio Nacional*, e as *Instituições Christãs* deixam-lhe o logar pela confiança que lhe merece o novo campeão. Esta abnegação honra o seu director, o sr. conego commendador Antonio José da Silva, que não via no seu jornal uma empreza lucrativa. Todos os mezes sahirá o Boletim do governo ecclesiastico da diocese de Coimbra. A collecção das *Instituições Christãs* tem um alto merecimento.

Roubo d'uma junta de bois.—Foi preso em Foz d'Arouce, por dois policias de Coimbra, José Francisco França, natural de Moura-Morta, concelho d'Árganil, por andar offerecendo á venda uma junta de bezerros, por preço muito inferior ao seu valor, averiguando-se ser o auctor do furto d'uma junta de bois, praticado em Casal Comba, concelho da Mealhada, na noite de 23 para 24 do mez findo. O larapio foi enviado no dia 3 do corrente para a Mealhada. Os bois furtados já os tinha trocado pelos bezerros que lhe foram apprehendidos, recebendo de volta a quantia de 43$800 réis. O sr. commissario de policia de Coimbra já mandou proceder á apprehensão dos bois furtados, para serem restituidos a seu dono.

Facto grave.—No concelho de Vinhaes andam agentes hespanhoes a engajarem individuos para emigrar clandestinamente para o Brazil pelo porto de Vigo. Tem emigrado muitos mancebos sujeitos ao serviço militar. Por Vigo tem saido do paiz para o Brazil, clandestinamente, muitos milhares de homens, moços e crianças.

Noticias do Porto.—O vapor *Gomes VII*, que se deslocou do Cabedello, indo encalhar nas pedras, está partido pelo meio, e, por conseguinte, irremediavelmente perdido. Grande parte do carregamento, constante de cereaes, tabaco, alcool, geropiga, etc., tem vindo á praia. A bordo pouca carga haverá já. Os tripulantes conseguiram ir ante-hontem de manhã a bordo, trazendo para terra todos os instrumentos nauticos, roupa, etc. Na preamar o vapor fica completamente submergido, vendo-se apenas fóra de agua a chaminé e os mastros.

Foram collocados muitos guardas fiscaes na praia, para evitar roubos. Os prejuizos do naufragio são calculados em 160:000$000 contos. Foi suspenso das suas funcções o piloto da barra que vinha a bordo do vapor na occasião do encalhe.

Noticias de Coimbra.—Em 2.—Pela cidade alta, e especialmente entre a academia, o facto saliente é uma doença perigosissima que se está desenvolvendo no 1.º anno de mathematica e de direito—a sarna. Foi isto dito por um estudante de mathematica e nós mesmos sabemos que um atacado foi a um estabelecimento de banhos lavar-se sem se lembrar de que, quem tem doenças d'aquellas, é em casa que se lava e não onde a póde propagar. A reitoria ainda não sabe o que é publico em demasia!

Noticias de Vianna—Em 3.—Está-se aqui em plena primavera. O tempo corre bom para a hygiene e para a agricultura. N'este ponto tudo bem, presentemente, e ha por isso motivo para louvar a Deus.

— Deu-se aqui um facto grave—um crime em plena rua! O caso conta-se assim:

No passado domingo, pelas 2 horas da madrugada, praticou-se em plena cidade um attentado que podia ser revestido de circumstancias extremamente lamentaveis. O caso, segundo nos foi minuciosamente relatado, deu-se da seguinte maneira. Dois individuos, acompanhados de suas mulheres, sendo um d'elles o ferido, João Sarrea, typographo, d'esta cidade, passavam despreoccupados pela rua da Grammatica, com destino ás suas casas, quando sentiram abrir uma porta ou janella d'um dos predios alli existentes e depois de pronunciadas por voz feminina as palavras—*atira que são elles*—ouviram a detonação de quatro tiros, seguidos, que sahiram da mesma habitação quasi á queima roupa. Terrivelmente impressionados com esta surpresa, que podia trazer gravissimas consequencias, os imprevidentes transeuntes reconheceram então que os tiros haviam sido disparados por um tal Francisco da Cunha, criado do Hotel Central, que se achava n'aquelle logar. Em seguida reconheceu-se que o João Sarrea se encontrava ferido, tendo o projectil cortado a calça e seroula e feito uma longa excoriação na parte inferior da perna esquerda. Por aqui se póde avaliar a gravidade do incidente, que podia ser muito lamentavel, se a felicidade não fosse n'este momento a protectora do pobre rapaz, que a estas horas podia ser cadaver, ou qualquer dos seus companheiros. Para este facto pede-se toda a attenção das auctoridades, para que seja, em nome da segurança individual, punido quem tão levianamente põe em risco a propria vida dos transeuntes.

A participação foi mandada para o tribunal.

Uma amante navalhada—Amor de filho—O criminoso.—Tanto, e tão extraordinariamente se desenvolve o crime em Lisboa, que mal depozémos a pena sobre o hediondo assassinio dos Covões, epilogado pelo suicidio do assassinio, tivemos que tomal-a para nos occuparmos de um outro crime, revestido de circumstancias não mysteriosas, pois que o criminoso commetteu o horrivel delicto á luz do sol e á vista de testemunhas, mas circumstancias tragicas.

A loja n.º 80 da rua de Santo Amaro, é occupada por uma pequena taberna, de que é dona uma mulher de nome Amelia Augusta Passos, alli estabelecida ha muito tempo.

Entre os freguezes habituaes, houve um cocheiro, Antonio Carlos Augusto, que soube captar a sympathia mais especial e mais dedicada da dona da taberna, a *senhora Amelia*, a ponto de um bello dia em que, por casualidade, não havia mais freguezes na loja, o Augusto, debruçado sobre o balcão, saboreava uma pinga de verde, e conversava, em *tête-á-tête* já muito intimo, com a taberneira, que por seu turno, da parte de dentro appoiava o queixo entre as mãos, e muito enleiada prestava ouvido, e coração attento, ás palavras apaixonadas que o freguez lhe dirigia—o Augusto, diziamos, acto continuo a uma phrase mais sensual, abriu os braços, estendeu-os para Amelia, e passando-lh'os em volta do pescoço, puxou-a para si e beijou-a soffregamente. Amelia, fingindo querer esquivar-se áquella violencia, tentou desembaraçar-se do cocheiro, mas, como essa tentativa não era sincera, e a natureza brutal a impellia para o amor d'aquelle homem, não tardou que Amelia o beijasse tambem, e depois de já lhe ter aberto o crédito por varias vezes, abriu-lhe, d'essa vez, o balcão...

Momentos decorridos, Carlos Augusto podia considerar-se o amante da taberneira.

Amelia tinha um filho, o José Azevedo, pequeno ainda, de 14 annos, mas muito esperto, muito perspicaz. Não foi sem susto que ella estabeleceu a mancebia em que passou a viver com o cocheiro, porque o José, percebendo o mau comportamento na mãe, dilligenciou obstar, emquanto poude, aos laços deshonestos que nem por isso deixaram de se estreitar entre os dois amantes. Se não conseguia obstar a que aquella amizade criasse raizes, o pequeno conseguiu, porém, lançar-lhe no amago a discordia, e foi por sua causa que, ha cinco mezes, segundo as informações que colhemos das pessoas que mais de perto conheciam a taberneira da rua de Santo Amaro, uma rixa mais violenta travada entre os amantes provocou um rompimento formal.

— Ponha-se no olho da rua, seu malandro! vociferava ella, e aquelle mesmo balcão que em tempo se abrira para dar entrada ao cocheiro, abria-se n'esta occasião para lhe dar sahida.

E o amante, assim corrido e despeitado, promettia, iracundo, quando transpunha a porta da taberna:

— Deixa-te tu estar, que não as perdes!...

Dffectivamente, Amelia *não as perdeu*. Carlos Augusto, que por certo, pensou n'esse momento vingar-se, como depois se vingou, não o fez, porém, immediatamente, e só terça-feira é que poz em pratica o crime a que nos vamos referir.

Depois que a amante o escorraçara o cocheiro não tornou mais a apparecer-lhe. A sua ausencia durou, como dissemos, cinco mezes. Mas terça-feira, quando menos o esperava, porque já quasi o esquecera, Amelia viu-o surgir á porta da loja e viu-o entrar, cambaliante, fingindo-se, ou estando realmente embriagado. A presença do antigo amante alli despertou-lhe suspeitas, e quando elle, chegando-se ao balcão, pediu vinho, ella afastou-se mais para dentro, mas respondeu resolutamente:

— Não tenho vinho que lhe venda! E sáia d'aqui, que lhe será melhor...

O cocheiro deixou-se apoderar então de toda a furia que o accomettera ao ouvir-lhe aquellas palavras, e entrou a insultal-a com desespero, atirando murros tremendos sobre o balcão.

— Sáia! Sáia!

N'um repente, Carlos abriu o balcão e precipitou-se sobre a taberneira, agarrando-lhe o pescoço com a mão esquerda, e com a direita sacando da algibeira das calças uma grande navalha velha muito usada, cuja folha tinha a forma das terriveis *cochilas* sevilhanas, anavalhou por cinco vezes no peito, nas costas e nos braços, a infeliz amante, que ao quinto golpe cahiu, soltando gritos estridentes, convulsivos, dilacerantes, de afflicção, de dôr, de desespro...

Esta scena horripilante passava-se cerca das 5 horas da tarde.

Como havia bastante gente nas proximidades da taberna, muitas pessoas acudiram aos gritos da victima, e entre ellas appareceu o filho, correndo como um louco, porque reconhecera a voz da desgraçada mãe, e precipitara-se para a loja.

A pobre creança, quando chegou junto do balcão e viu o que se passava atirou-se sobre o amante da mãe, agarrou-o violentamente, e com uma coragem verdadeiramente heroica, suprema, movido pelo amor filial mais dedicado, mais fundo, mais impetuoso, conseguiu arrancar-lhe a navalha e voltando-a contra aquelle que tentara assassinar sua mãe, vibrou-lhe dois golpes tão profundos quanto foi possivel á sua pouca força infantil, um no peito, o segundo n'um dos hombros!

Dois circumstantes, dois mais destemidos, e o policia 126 da 3.ª divisão, poderam com dificuldade impedir que aquella lucta se prolongasse. E foram então presos o amante e o filho da taberneira. Amelia, prostrada sem sentidos tinha sido gravemente ferida. Levaram-a ao hospital da Marinha, onde o facultativo que a recebeu foi de parecer, dada a gravidade que os ferimentos apresentavam, que o mais conveniente seria dar ella entrada no hospital de S. José. Amelia, porém, que já recuperara os sentidos recusou-se tenazmente a isso, e exigiu que a levassem para sua casa, o que se fez transportando-a em maca.

Na prisão, o filho da victima, que é uma creança muito sympathica, magra e franzina, apparentando idade inferior aos quatorze annos que conta, tem chorado quasi incessantemente, e pede constantes noticias do estado de sua mãe. Carlos Augusto, o cocheiro, que tem ares pronunciadissimos de fadista, alto, magro, calça de bocca de sino, conserva-se sereno, parecendo importar-se pouco com o castigo que a justiça saberá applicar ao seu crime. Castigo tanto mais pezado, quanto é certo que o estado da victima não deixa esperar a salvação da sua vida.

Origem da denominação dos mezes do anno.—*Janeiro.*—O mez de janeiro denomina-se em latim *Januarius*, nome derivado de Jano, o rei mais antigo da Italia de quem se haja conservado memoria. A tradição colloca a epoca do seu reinado 1400 annos antes da era christã. Quando Numa Pompilio poz os mezes de janeiro e fevereiro, foi Jano considerado como Deus do anno; mas os romanos olhavam-n'o como divindade tutelar do mez de janeiro. Ovidio deu-lhe a designação de porteiro da côrte celeste. Pinta-se com duas caras, para significar que com uma d'ellas olha para o anno que acabou, e com a outra para o anno novo. Entra o sol n'este mez no signo do Zodiaco chamado *Aquario*, com o que pretendiam os Egrypcios representar as innundações do Nilo, que todavia só no mez de junho tinham logar.

Fevereiro. — Deriva do nome de *febbrua*, sacrificios purificatorios que faziam os romanos nos 12 primeiros dias d'este mez, que se dedicava a Neptuno. Symbolisa-se de varios modos, e, entre elles, por uma figura vestida com roupas azues, com uma ave aquatica na mão, e uma urna na cabeça, d'onde sahe agua com abundancia, para indicar frequencias de chuvas. Tem por attributos o signo correspondente (*Piscis*), mascaras, e instrumentos de musica, para alludir aos divertimentos do entrudo, que é sempre n'este mez.

Março. — Era o 1.º mez do anno de Romulo. Apezar de haver derivado o nome do Deus Marte, de quem os romanos se julgavam descendentes, era comtudo dedicado a Minerva. Representava-se antigamente sob a figura d'um homem coberto com uma pelle de lobo, alludindo á femea d'este animal que amamentou Romulo e Remo. Os modernos symbolisam-n'o de diversos modos, e entre outros sob a figura d'um guerreiro de aspecto feroz, com os cabellos eriçados e impellidos pelo vento, que tambem lhe agita as roupas, cobertas em parte por grupos de nuvens. Diversos povos teem instituido ceremonias para celebrar a epoca do anno em que a natureza parece reviver no hemispherio do norte; a mais notavel de todas é a que ainda hoje se pratica na China, onde o Imperador em certo dia do mez, e para honrar e animar a agricultura, lavra uma porção de terra e semêa n'ella cinco diversas especies de cereaes. Os Persas solemnisam o equinoxio da Primavera durante 8 dias successivos.

Corresponde a este mez o signo *de Aries* (carneiro), por ser este animal, na opinião d'alguns, fraco por detraz e forte por diante e poder symbolisar por isso o calor progressivo do sol.

Abril. — O seu nome é derivado da palavra *averire*, porque é n'este mez que a terra parece principiar a fecundar-se, e a abrir-nos os seus thesouros. Era dedicado a Venus, e representa-se sob a figura de uma rapariga vestida de verde (alludindo assim á renovação das producções da terra.) com um cesto cheio dos primeiros fructos, uma grinalda de flôres e a seus pés o signo correspondente: este signo é o Touro.

Maio. — Deriva o seu nome em latim de *majores*, por ser dedicado aos velhos. Outros crêem que é derivado de Maia, mãe de Mercurio. Representa-se sob a figura de um homem na edade viril, vestido com uma tunica de mangas largas, com um cesto de flôres n'uma das mãos e na outra uma flôr que approxima do nariz; tem a seus pés um pavão, que abre a cauda, cujas formosas côres symbolisam as com que as flôres esmaltam os campos n'esta quadra. Durante muito tempo foi solemnisado em toda a Europa moderna o 1.º de maio, plantando-se uma arvore que tomava o nome d'este mez, costume que ainda hoje em varias partes se conserva. A festa do *maio pequenino* é a mais campestre que entre nós se tem praticado; pena é que de anno para anno se vá perdendo o costume de festejar o regresso do mais formoso mez do anno. A este mez corresponde o signo de *Gemini*.

Junho. — Deriva o seu nome de *Juvenibus*, porque era dedicado á mocidade romana. Suppõem outros que o deriva da deusa Juno, cujo templo foi consagrado n'este mez — ou de Junio Bruto, que expulsou os reis de Roma. Mercurio era a divindade tutelar de junho entre os romanos. Representa-se sob a figura d'um homem robusto, meio nú, em um prado (para exprimir o principio dos calores do verão), com uma fouce para cortar o feno, e a seus pés o signo respectivo, que é Cancer (o caranguejo), que denota o movimento retrógrado, e apparente, do sol para a linha equinoxial, assim que alli chega.

Julho. — Foi-lhe dado este nome pelo consul Marco Antonio, em obsequio de *Julio Cesar*, que nasceu a 14 de julho, e em memoria da correcção que fez no calendario romano, 45 annos antes de Jesus Christo. Este mez estava sob a protecção de Jupiter e personalisava-se com a imagem d'um homem nú, queimado pelo sol, com os cabellos ruivos, coroado de espigas e com um cestinho de amóras na mão; os seus attributos eram o signo correspondente a este mez uma especie de chapeu de sol, e uma cigarra. Entra o sol em *Leo*: é de crer que os Egypcios adoptassem este nome para o signo de julho, porque o grande calor, proprio da estação n'aquelle clima, e a sede, obrigavam os leões da Lybia a fugir dos desertos, e procurar as margens do Nilo.

Agosto. — Havendo o precedente mez de julho tomado este nome em memoria de Julio Cesar, quiz o Senado romano conceder a mesma honra a Augusto, e por isso lhe dedicou o mez de agosto, em latim *Augustus*. E' por corrupção que nós lhe chamamos agoto. Ceres era a divindade tutelar d'este mez, o qual se symbolisa n'um homem nú, com uma fouce, e um punhado de trigo, cujas raizes estão ainda dentro da terra, e ao pé d'elle um leque de pennas de pavão, e o signo correspondente. Entra o sol em *Virgo* (a virgem), a qual se representa sob a figura de mulher meia núa, com uma espiga de trigo na mão, que annuncia o tempo da colheita.

Setembro.—Estava em Roma sob a protecção de Vulcano, a quem o lavrador, cujos trabalhos tornam a principiar n'este prazo, deve o arado e outros instrumentos agricolas. Era o 7.º mez do anno de Romulo. Personalisa-se n'um homem quasi nú, e só coberto com uma especie de manto agitado pelo vento. Tem a cabeça ornada de pampanos, e na mão esquerda um cestel, de que pende um lagarto. Tem ao lado o respectivo signo do Zodiaco e dois cestos vindimos. Entra o sol no signo de *Libra* (balança), nome que designa a egualdade dos dias e das noites.

Outubro.—Era o 8.º mez do anno de Romulo. Estava sob a protecção de *Marte*, e festejavam-se n'elle os Deoses Memes, Baccho e as fontes. Symbolisam-n'o alguns por meio d'uma figura coroada de folhas de carvalho, arvore que larga as folhas mais tarde do que as outras; tem na mão direita o signo competente, e na esquerda um cestinho com as fructas proprias d'este mez. O seu signo (*Scorpio*) allude á picada mortal do insecto de egual nome, e ao pouco sadio que é o mez de outubro, em que o frio e o calor se succedem rapidamente, e produzem frequentes enfermidades.

Novembro.—Era o 9.º do anno de Romulo. Estava sob a protecção de Diana. Representa-se este mez por meio d'uma figura vestida de roupas côr de folha secca, coroada com um ramo de oliveira, encostando-se ao signo proprio, e deixando cahir d'uma cornucopia diversos fructos e raizes, ultimos presentes que a terra nos dá. Corresponde a este mez o signo de Sagitario (o frécheiro), que se figura por um Centauro disparando uma frecha, denotando assim o tempo da caça.

Dezembro.—Era o 10.º do anno que Romulo instituiu, e estava sob a protecção de Vesta. Celebravam-se n'elle as famosas *saturnaes*, cuja origem se attribue aos Gregos, entre os quaes tinham por fim recordar a egualdade que no tempo de Saturno existia entre os homens. Havendo a terra perdido já n'este praso, na velha Europa, todas as suas galas, nada agradavel tem este mez que offerecer, e por isso se pinta vestido de negro, sem grinalda alguma, nem de folhas nem de flôres, encostado ao signo correspondente e com alguns emblemas proprios da estação ao lado. Entra o sol n'este mez no signo de Capricornio, a que os Egypcios deram este nome para denotar que assim como as cabras gostam de subir ao cume dos cerros, assim tambem o sol, n'aquelle ponto, principia a subir para o norte.

Artista portuguez. — Os jornaes italianos referem-se com muito elogio ao tenor portuguez Gaspar do Nascimento, bastante conhecido já no estrangeiro onde tem alcançado justo renome. Este nosso compatriota cantou ultimamente em Mondovi os «Puritanos», «Fausto» e a *romanza* hespanhola «Lá partida», sendo-lhe feta uma ovação pelo publico que o escutava. Na apreciação dos merecimentos d'esse artista, diz *La Sentinella dello Alpi*:

«O sr. Nascimento é um artista de merito e boa vontade, estudiosissimo, accurado em tudo, tanto no canto como no accionado scenico.»

A *Stella de Mondovi*, diz tambem:

«O sr. Nascimento é sempre o elegante e scenicamente exactissimo artista que todos conhecem, canta com graça e sentimento, havendo n'elle entoação, extensão e limpidez de voz.»

Previsão do tempo.—Variavel e tempestuoso costuma ser o mez de março, diz Noherlesoou no seu *Boletim Meteorologico*, e parece que não desmentirá esta fama, pelo menos na primeira quinzena, que o celebre astronomo divide em tres periodos, dos quaes o mais tranquillo de todos, relativamente, será o primeiro, e comprehenderá os primeiros quatro dias do mez; o segundo, de rigoroso inverno e em geral tempestuoso e abundante de chuvas, comprehenderá os dias 5 até 11; o terceiro periodo, desde o dia 12 a 15, será variavel.

O periodo que Noherlesoon considera de rigoroso inverno, far-se-ha sentir na peninsula, sendo o tempo bastante agreste e borrascoso principalmente nos dias 7 e 8. N'este ultimo dia o temporal tornar-se-ha mais violento por se aproximar das costas da peninsula uma borrasca cyclonica, tendo dous centros de acção, um ao noroeste de Hespanha e o outro perto das paragens da ilha da Madeira.

A partir, porém, do dia 9 melhorará algum tanto a temperatura accentuando-se, todavia, as chuvas, que serão mais abundantes e geraes que nos dias anteriores, continuando assim o tempo até o dia 12, em que entra o terceiro periodo da quinzena, variavel como o primeiro, havendo dias temperados e bons.

Leão XIII.—Correm insistentes boatos pessimistas ácerca da saude do Papa. Parece que Sua Santidade, já muito abalado por occasião do seu jubileu, e fortemente impressionado pela morte do seu medico, peorára de modo que o seu estado inspira serias inquietações. A agencia *Havas* nada nos diz de positivo a este respeito. N'um telegramma datado de 25 dizia que Leão XIII se achava ligeiramente indisposto; mas d'um despacho posterior deprehende-se que o santo padre teria melhorado dos seus incommodos, pois affirma que recebera solemnemente o embaixador d'Austria e que celebrára missa na manhã de 26.

Esta manhã, a *Havas* distribuiu um telegramma que parece confirmar, ainda que vagamente, os boatos alarmantes ácerca da saude de Leão XIII. Esse telegramma diz apenas o seguinte:

LONDRES, 27.—Diz um telegramma de Roma para o «Daily News» que o Papa não assistirá por agora a mais nenhuma ceremonia religiosa na basilica de S. Pedro.

O Papa e o sultão. — Diz o *Monitor de Roma* que o sultão da Turquia, ao enviar a Roma o patriarcha armenio catholico, monsenhor Azarien, a fim de cumprimentar Leão XIII, pelo seu jubileu episcopal, proferira as seguintes palavras:

«Encarrego-vos de levar as minhas felicitações e os meus presentes ao Papa Leão XIII, a essa grande potencia moral que unicamente póde salvar a Europa do incendio do socialismo.»

Mil pesetas por um soneto.—Ha mezes appareceu no *Imparcial*, de Madrid, uma carta de D. Waldo Vizoso, na qual se offereciam 1:000 pesetas ao melhor soneto que fosse enviado á redacção do jornal, tendo por thema a rainha Isabel a Catholica, e a sua intervenção na descoberta do Novo Mundo. Varias composições foram dirigidas ao *Imparcial* e para as apreciar nomeou-se um jury composto de Emilio Castelar, Juan Valera e Emilia Parda Bazan.

Abertos os varios sobrescriptos appareceu o soneto, que adiante transcrevemos, assignado por José Zorrilla, e esse soneto posthumo foi o premiado. O jury enviou por isso as 1:000 pesetas á viuva do grande poeta, acompanhando essa importancia de uma carta eloquente e sentida. O soneto é como segue:

A ISABEL LA CATOLICA

POR EL DESCUBRIMIENTO DE AMÉRICA

Vencedora en Granada, hallas mezquino
el mundo antiguo, en la sublime idea
que de tu pueblo tienes, y desea
abrir tu alma á su expansión camino.

Proteges á Colon y el peregrino
plan se logra por ti, que la europea
ciencia extendiendo, en cuanto el mar rodea
planta la cruz del Redentor divino.

Así tu gloria América proclama,
y á las naves de Hiran causa desloro
y al bienhechor ejercito de Osiris.

Sorata te alza al éter: Tequendama
le hunde en tu applauso: Niágara sonoro
como nimbo de luz te cine el iris.

José Zorrilla.

A França e os seus missionarios. — São sobremaneira notaveis as palavras que escreve o *Monitor* de S. Francisco, Estados-Unidos, noticiando a chegada de Mgr. Rogatien, novo Vgario Apostolico das ilhas Marquezas.

Para onde quer, diz o *Monitor*, que o viajante dirija seus passos, seja para os selvagens das montanhas rochosas da America, ou para as geladas regiões do Alasca, assim para as Indias, o Siam, o Tonkim, a China, como para o longinquo Japão na Asia, quer vá para os estados barbarescos do Mediterraneo, ou suba pelo valle do Nilo, até ás altas serranias da Abyssinia, quer se embrenhe no meio das tribus selvagens e antropophagas do Congo, ou nos abrazados areáes da Senegambia, quer nas regiões doentias e paludosas da Zambezia, ou ainda no proprio coração da Africa equatorial, quer vagueie, emfim, através esse sem numero de archipelagos e de ilhas de que o Oceano Pacifico está coalhado, em toda essa immensa, variegada e admiravel multidão de terras e regiões habitadas por povos selvagens e gentios, sempre e por toda a parte se encontra o missionario francez.

A sua alma repleta de zelo apostolico arde em chamma mais intensa para a conquista das almas, que a do mineiro para a do ouro; arrosta maiores privações e soffrimentos maiores do que os mais corajosos exploradores, encara a morte com uma coragem mais sublime e destemida do que o mais intrepido soldado ou cavalleiro.

Alegre sempre, sempre enthusiasta, por Deus e pela bella França, o missionario francez apparece-nos sempre como um heroe e como um santo.

A pobre França atravessa, ao presente, uma terrivel provação de desgraças, males e miserias, mas esta mesma provação servir-lhe-ha tão sómente de cadinho, onde se ha de purificar o seu ouro de puro quilate.

Aquelle paiz foi sempre o campião da Egreja, o heroico defensor de tudo o que é nobre e grande, a unica das nações prompta sempre a desembainhar a espada em defeza d'uma edeia e não por mero egoismo ou ambição de conquistas; sim, digamol-o bem alto, a França mereceu bem da Egreja, mereceu bem da humanidade, a França não ha de morrer!

Notaveis palavras estas, em verdade, na bocca do jornal Americano e transcriptas pelo jornal inglez — *The Catholic Times*.

Contra o duello.— No parlamento belga foi apresentado um projecto de lei sobre o duello, punindo com penas que variam de um a cinco annos de prisão os provocadores, as testemunhas e os directores dos jornaes que publicarem noticias relativas aos duellos.

A guerra franco-prussiana.—Um telegramma de Berlim para os jornaes francezes dá a noticia de que Bleichroeder, o rei dos banqueiros israelistas, está gravemente enfermo, devendo morrer d'um momento para o outro. Este banqueiro desempenhou um importantissimo papel na historia contemporanea de França. Foi elle o encarregado em 1871, por Bismark, na occasião das negociações preliminares da paz entre a França e a Allemanha, de tratar a questão financeira. Ao fallar-se na indemnisação de guerra o chanceller de ferro perguntou-lhe até que ponto poderiam chegar as exigencias da Allemanha. A idéa de Bismark era extorquir á França uma somma de tal importancia que esta nação não podesse levantar cabeça durante muitos annos.

Bleichroeder, que tinha estudado a questão, respondeu:

— A França é ainda rica apesar dos seus desastres. Creio que lhe poderemos pedir cinco mil milhões de francos, e dar-lhe como praso para o ultimo pagamento as primeiras semanas de 1874. Como a França não hade poder pagar uma quantia tão importante, no tempo marcado, as tropas allemãs occuparão o territorio francez até ao integral pagamento, cobrando as contribuições dos territorios occupados, o que para nós será de grande vantagem porque parte do nosso exercito será sustentado pelos vencidos...

Felizmente Birmarck e o judeu enganaram-se e seis mezes antes do limite indicado os ultimos milhões eram entregues á Allemanha, graças aos dois emprestimos de dois e tres mil milhões de francos, (agosto de 1770 e setembro de 1871,) levantados pelo ministerio francez.

Entre o chanceller de ferro e o seu cumplice houve serias desavenças, dizendo então Bleichroeder, para se defender, que se tivesse supposto que a França poderia supportar com tal leonal contribuição de guerra, aconselhado muito mais quantia.

Um novo drama de Sardou.—Victoria Sardou concluiu um drama em tres actos e um prologo intitulado «Mademoiselle Sans Gene». O prologo passa-se em 1892, e os tres ultimos em 1814, em Compiegne. Será representado no Grand Théatre de Paris. O papel da protogonista é desempenhado pela celebre actriz Rejane. Guarda-roupa e senario serão executados a rigor.

O cholera.—Esta horrorosa epidemia está fazendo grandes destroços na Russia. Durante os ultimos 30 dias houve 1:000 casos e 400 obitos. Em Hespanha tomaram-se já serias providencias contra as procedencias de Marselha e todas as povoações comprehendidas dentro d'um raio de 165 kilometros d'aquella cidade. Está já prohibida a importação de trapos, colchões e roupas de cama usadas, lã suja, coiros, substancias animaes ou vegetaes em putrefacção, e certas qualidades de fructas.

O cholera em Hamburgo.—O cholera deixou orphãos de pae e mãe em Hamburgo, 4:800 creanças, cujas tres quartas partes sem bens de fortuna. 500 d'esses orphãos perderam todos os parentes e estão completamente abandonados á beneficencia publica. A cidade tem gasto enormes sommas para sustentar esses infelizes. Contas... com a morte.

O bacillo do cholera. — Dizem de Vienna em data de 25 de fevereiro: «O dr. Hastelik, perante a Sociedade Medica, deu conta das experiencias feitas por elle e tres outras pessoas sobre a inocuidade do bacillo cholerico. Os quatro corajosos experimentadores absorveram por diversas vezes dóses bastante fortes de culturas frescas do bacillo virgula e do bacillo de Kock, sem que o seu estado de saude soffresse alteração apreciavel.»

O attentado contra Mackay. — Segundo uma nova versão sobre o attentado contra John Mackay o «Rei da prata», o aggressor chama-se Rippey tendo sido levado para o hospital em um estado desesperado. Entre os seus papeis encontraram-se algumas notas incoherentes relativas a John Mackay. Uma d'essas notas dizia:

«Mackay deu por uma saphyra para a esposa 150:000 dollars. Com este dinheiro poderia salvar da miseria, pelo menos quinhentos pobres Que se grave isto na sua sepultura!»

Rippey era um especulador que passára por diversas phases da fortuna. Ha mezes ganhára 100:000 dollars em uma especulação mineira. No dia do attentado não tinha, porém, um centimo no bolso.

Um jogador assassinado.—Em Ciudad Real, Hespanha, foi ha dias assassinado o jogador Rufino Jimenez, conhecido pela alcunha do *Chilayo*. O caso passou-se assim. Entrára no café um tal Antonio Gascón que, tomando manzanilla não convidára Jimenez. Este, furioso, tomando a coisa como desfeita, começou a insultar Gascón, que, mantendo toda a prudencia, não lhe deu resposta. O jogador insistiu e chamou cobarde ao outro, desafiando-o para a rua. Gascón, mais por prudencia que por medo, não sahiu do café, apezar de todas as injurias rerebidas. Então o feroz batoteiro puxou-o á força para fóra da porta, dizendo-lhe que ia matal-o. Com effeito, na rua, disparou um tiro de que o outro poude desviar-se. Vendo que o tiro falhára, Jimenez puchou d'uma grande navalha com que pretendia ferir o adversario, mas este, mais valente e mais agil, tirou-lhe a arma da mão e vibrou-lhe um profundo golpe contra o pescoço, cortando-lhe uma das carotidas.

Jimenez morreu momentos depois. Gascón foi entregar-se á prisão.

O café do Brazil.—No dia 20 de fevereiro os *stocks* de café eram no Rio de Janeiro de 207:000 saccas e em Santos de 192:000, um to-

---

98

FOLHETIM

PEREZ ESCRICH

OS CRENTES

TRADUCÇÃO

—

XI PARTE

A ARVORE CAHIDA

VI

ONDE SE PREPARA UMA SURPREZA

Poucas horas antes, uma enorme carruagem puxada por tres formosas mulas atravessava a estrada que conduz de Almeria a Adra.

Aquella carruagem era um antigo phaeton, com dois fortissimos eixos de ferro, duas immensas rodas trazeiras e duas pequenissimas no jogo dianteiro. Da armação, pintada de vermelho com listas brancas, pendiam duas grandes correias; sobre estas apoiava-se, separada da trazeira, uma em que não ia viv'alma, e da almofada onde se via o cocheiro, uma caixa alta, estreita, pesada, pintada de negro e amarello, fechada por duas portinholas estreitas, com fechos dourados, vedadas por cortinas, rotas e manchadas, que em tempos haviam sido verdes, tudo isto cheio de neve que tinha caido sobre a agua, que caira sobre a poeira, e de poeira que chegava a formar uma massa parda.

Aquella massa enorme, que de longe parecia um gigante monstruoso no acto de coroar uma montanha, gemia, ladeava e enterrava-se pela neve, apezar dos gritos do cocheiro e dos poderosos esforços que as mulas empregavam para sairem victoriosas.

As rodas dianteiras quasi se enterravam até aos cubos.

Perto da carruagem, e não dizemos ao lado, porque tão depressa ia adiante como atraz, á esquerda como á direita, caminhava um homem montado no seu cavallo de jornada, alto, descarnado com o pescoço estendido como os camelles, orelhas baixas, mas com passo seguro, apesar da neve em que se enterrava.

Sobre o lombo da alimaria descançava uma enorme sella d'alto espaldar, grandes alforges aos lados, amplos estribos de coiro e uma arma a direita; e sobre tudo isto, que tornava inverosimil a fórma do cavallo, via-se o cavalleiro, firme, immovel, sereno, reflexivo, levemente inclinado sobre a sella, e attendendo, não obstante, a tudo com admiravel cuidado.

Levava o corpo coberto com um grande capote, as pernas com botas altas, os pés mettidos nos estribos, e o rosto quasi escondido na gola do capote. De quando em quando estendia pela distancia o seu olhar claro e vivo, e a sua voz, não menos persuasiva e penetrante, advertia em breves palavras o cocheiro, de tal ou tal perigo. Qundo este era imminente, já porque as camadas de neve obstruiam a estrada, já por qualquer outra circumstancia, o cavalleiro apeava-se, e, sem cuidar do cavallo que, seguindo a andadura das mulas ia sósinho pelo trilho d'estas, subia para a almofada, tomava as redeas e governava elle mesmo o tiro. No interior da carruagem não se ouvia folego vivo.

Apesar das frequentes oscillações do trem, da trepidação, umas vezes imperceptivel, outras insupportavel, como se rodasse sobre escarpas de rochas, ninguem se queixava, ninguem fallava, ninguem se movia.

Se de quando em quando não se visse uma infantil mão desviar as cortinas das portinholas, como se o dono d'aquella mãosinha quizesse admirar a paizagem, podia assegurar-se que a carruagem ia vazia.

O cavalleiro, quando notava este movimento, sorria-se, mas voltava logo a dedicar novamente toda a sua attenção para o trilho que o carro percorria. A neve ia tomando cada vez mais densidade. O campo inspirava essa melancholia tranquilla que se experimenta á vista d'um paiz coberto de neve. A atmosphera, branqueada ao principio, foi escurecendo pouco a pouco até se tornar pallida, como a descrevemos no capitulo anterior.

Ao fechar da tarde, o cavalleiro levantou-se, firmando-se nos estribos, olhou em redor da eminencia, approximou-se ao cocheiro, tocou depois na portinhola, pronunciou algumas palavras para ambos os lados e afastou-se, por ultimo, para o sitio onde se erguia Adra, perdida no crepusculo da tarde.

A carruagem continou rodando lentamente. O cavalleiro olhava amiudadas vezes para traz, e dava de esporas ao cavallo como se tivesse grande interesse em chegar brevemente ao termo da sua viagem.

Faltava-lhe meia legua de caminho. Percorreu-a e chegou a Adra.

Passou pelos arrabaldes, entrou na aldeia, apeou-se á porta da casa de José, o moleiro e atravessou o pateo, levando o cavallo á redea.

O cavalleiro, como o leitor terá percebido, era o coronel Carlos Perales. E emquanto sua mãe o cobria de beijos e lagrimas, José sahiu para levar o cavallo para a cavallariça, e Agueda e Raymundo dirigiram-se ao coronel para o abraçar.

Antonia tirou-lhe o capote, que estava coberto de neve, Agueda pegou-lhe no bornal, e Raymundo, logo que abraçou o sobrinho, desembaraçou-o da espingarda e foi collocal-a a um dos cantos da casa.

— Tua mãe já estava falta de paciencia — disse o velho aproximando-se novamente do fogo.

— E' verdade — asseverou Antonia olhando com amor para o filho — mas se soubesse que te mettias a caminho por uma tarde como esta, teria soffrido muito mais.

— Porque, minha mãe? — perguntou Carlos dirigindo-se com ella para o lume. — O que havia de succeder-me na estrada? Não querendo, nem podendo demorar a jornada por mais tempo, apesar da neve, sahi de Almeria logo que passaram as horas sufficientes para descançar da minha grande expedição. Esse capote, livrou-me do frio, frio que não me apoquentava muito, porque trago vestuario que é arnez contra elle.

Raymundo não se atrevia a proferir palavra. Agueda ouvia Carlos com o extasi que inspira a virtude d'um ente querido. Perales, que olhava para ella, perguntou-lhe:

— E teus filhos?

— Estão dormindo.

— Quantos tens?

Esta pergunta era um epigramma, attento o pouco tempo que Carlos tinha de ausencia. Agueda baixou os olhos, sorriu-se suavemente e respondeu a seu irmão com um gracioso encolher de hombros. Ao mesmo tempo, entrou José. Carlos levantou-se, foi-lhe ao encontro, apertou-lhe ambas as mãos com effusão e levando-o para o pateo, disse-lhe:

— Vaes fazer-me um favor.

— Quantos quizeres, Carlos.

Desde que Perales era coronel, José, apesar de o tratar por tu, fallava-lhe sempre com profunda veneração.

— Pois bem — continuou Carlos — eu preparo uma surpreza a D. Raymundo.

— Uma surpreza!

— Sim. Trago commigo Rosa, Adelaide e conde de Rambla.

— Cala-te — continuou, evitando que José desse um grito de alegria.

José apertou os labios com os dedos e disse:

— Nem que me arrebentem.

— Vem n'uma carroagem que não deve tardar ahi um quarto de hora. Pega no teu capote, embrulha-te n'elle, porque o vento é rijo: espera-os a distancia e tral-os para aqui. A neve é tanta, que a carruagem póde chegar até á porta, sem fazer bulha alguma. Ajuda-os então a apear-se, mostra ao cocheiro a porta do coberto para metter lá a carruagem e as mulas na cavallariça, voltas aqui, e fazes-me signal.

— E Rosa e Adelaide?

— O signal é exactamente para isso. Não quero que entrem emquanto não tiver D. Raymundo preparado.

José não precisou que lhe repetissem a ordem: desapparceu, pegou no capote e sahiu. Carlos voltou para casa.

— O que é isso?—perguntou D. Raymundo.

— Nada—disse Carlos com toda a simplicidade.

E sentou-se ao lume.

— Vamos a saber: o que fizeram por cá, durante a minha ausencia?— perguntou o coronel com a curiosidade que inspira a verdadeira amisade.

— O costumado — disse Antonia.

— A's noites — accrescentou D. Raymundo designando Agueda — estalia o Evangelho, cujas maximas saboreadas o bom do José procura inocular no coração dos seus filhos.

— *E faz bem, porque é balsamo* infalivel para as desventuras d'alma: se o conde de Rambla o houvesse lido como nós, teria hoje menos desgraças a lamentar.

Raymundo estremeceu.

— E dize-me — perguntou — depois do que nos participaste nas tuas ultimas cartas ha outras que nós ignoramos?

— Nenhuma, meu tio, o conde começa a entrar no caminho do arrependimento.

— Graças a Deus—balbuciou Antonia.

— Elle quer tornar Rosa feliz— accrescentou Agueda.

— Não o são emquanto não seguirem os meus conselhos — replicou D. Raymundo exhalando doloroso suspiro; — mas quando te vi entrar sósinho por essa porta dentro, comprehendi logo que elles repellem os meus offerecimentos, e que a ventura não está reservada para este pobre velho. O que lhe havemos de fazer! Resignar-me e morrer sem ver minha sobrinha, a minha pobre Adelaidesinha, cuja recordação é a minha vida e o meu unico sonho. Só, sem outra alegria que a de vossés, sem mais horisonte que o d'estas quatro paredes e o do meu pobre quintal, cujo cultivo começa a ser penoso para os meus annos, descerei á sepultura qualquer dia, sem saber o futuro que estará reservado áquellas creaturas a quem estimo tanto.

— Quem sabe se no dia em que Luiz estiver certo de que o tio lhe perdoa, regressará a esta casa hospitaleira.

— Oh! não, não é possivel. O conde é orgulhoso!

— Talvez a desgraça o fizesse humilde; e sendo assim, devemos ter esperança. Depois, o conde já está livre: os tribunaes absolveram-o. D. Luiz *póde sahir da côrte, no dia que lhe* aprouver, pagou as suas dividas, vendendo toda a mobilia de sua casa. N'uma palavra, o conde podia vir agora mesmo se quizesse, e não é para estranhar que elle, seguindo os conselhos de Rosa e os pedidos de Adelaide, entre por essa porta dentro quando menos o esperamos.

— E porque o não faz?! — exclamou Raymundo.

Carlos ainda não tinha respondido quando José apareceu á porta, com a alegria estampada no rosto.

Antonia aproveitou aquelle momento de pausa para dizer a Carlos:

— Meu filho, esqueci-me de ter dizer que tenho ha dois dias guardada uma carta para ti.

Ao mesmo tempo José fez o signal convencionado.

— Para mim?—perguntou Carlos — é da côrte?

— E' — respondeu Raymundo — mas a letra do sobrescripto não é conhecida.

— E onde está?—perguntou Carlos levantando-se.

— Tenho-a no meu quarto—respondeu Antonia — vou buscal-a.

— Não, iremos todos — replicou Carlos — Agueda tambem vae comnosco; d'esta maneira, emquanto ella nos prepara a ceia, nós lemos a carta e voltamos para fazer companhia ao tio.

— E fallas me d'elles, sim?—disse Raymundo.

— Só d'elles — balbuciou Carlos acariciando as mãos do seu antigo protector. Pouco depois, todos sahiram da sala, deixando o velho sósinho.

O pobre velhito tomou a sua habitual posição, a pensar nos que tanto amava.

...l de 390:000 saccas. As expedições durante a semana terminada n'aquella data foram de 120:000 saccas, sendo do Rio para a Europa, 2:000; para os Estados-Unidos, 30:000; e de Santos ... Europa, 21:000; e para os Estados-Unidos, 62:000.

Opiniões sobre o café.—Discute-se agora na imprensa de Paris se o café é util ou prejudicial ao nosso organismo. Um jornal parisiense trata de reproduzir as opiniões de varios escriptores illustres sobre o assumpto. Pierri Lotti chama-lhe o mais delicioso de todos os venenos e diz que não pode trabalhar sem o ingerir.

Jules Simon vem á puxada e escreve:

O café é um antigo amigo que eu estimei profundamente, mas com quem quebrei as relações ha vinte annos. Queria reatal-as, se isso dependesse de mim, mas depende d'elle, e elle não está disposto a consentir...

Ideia arrojada.Ha cinco annos um romancista americano, n'uma obra que escreveu, intitulada «Cem annos depois», propunha sériamente que se cobrissem as grandes povoações nos dias de chuva com um immenso guarda-chuva collectivo. Ou levado por esta ideia ou por outra qualquer, um habitante de Londres acaba de fazer e seguinte proposta arrojada: Cobrir com tectos de vidro ruas inteiras de Londres, como Regent street, Bond street, Oxford street, etc. As despezas ficariam a cargo dos habitantes, que encontrariam certa compensação no maior numero dos negocios e na diminuição das despezas em caiar e pintar as casas. Além disso, a atmosphera de Londres tornar-se-ha mais sêcca e respiravel. A ideia é arrojada, o que resta é realisal-a.

As cinco maiores arvores do mundo.—O plátano de Luciano Mariano de Licia cujo tronco mede 186 pés de circumferencia e em cuja cavidade Mariano deu uma ceia a 18 convidados do seu séquito,tem de idade, segundo os calculos mais approximados, 2:000 annos. O castanheiro dos *cem cavallos*, que se ostenta nas faldas do Etna (Sicilia), sob cuja frondosa ramagem se abrigou da chuva Joanna de Aragão com os cem cavalleiros da sua escolta, vive ha 1:000 annos. O cedro da California, que ostenta uma altura superior a 150 metros. O boabad, de Cabo Verde, cuja existencia se considera, pelos melhores naturalistas, de uns 5:000 annos. O cypreste de Veracruz, d'onde, segundo a chronica do descobrimento da America, todo o exercito de Hernan Cortes se formou á sua sombra, isto é, o valoroso grupo de quatrocentos homens que conquistaram o vasto imperio do Mexico. Tem de idade esse famoso vegetal 6:000 annos, remontado assim aos tempos biblicos, a darmos credito aos calculos mais approximados dos melhores naturalistas.

Os velocipedistas. — Um joven americano apostou ultimamente que iria de New-York a Chicago em tres semanas, sem gastar um real, tendo porém tres refeições substanciaes por dia e deitando-se em boa cama á noute. Compromettia-se não commetter acto algum que podesse ser taxado de menos delicado. O moço velocipedista venceu a aposta, chegando a Chicago quinze horas mais cedo do que tinha apostado. Conta que a viagem foi das mais agradaveis e só tinha que louvar a hospitalidade dos seus compatriotas que não sabiam que mais lhe haviam de fazer quando souberam qual a aposta que o obrigava a fazer tal viagem.

Cartões de visita em ferro. — Em Berlim inventou-se um novo systema de cartões de visita, em ferro, e que, no dizer de um jornal allemão, são mais elegantes que os bilhetes actuaes. A lamina metallica é preta, sendo prateados os caracteres impressos. Estes bilhetes são tão delgados, que são precisos vinte para fazer a espessura de um millimetro.

A transmissão telegraphica.—Segundo um discurso pronunciado na Sociedade dos Electricistas de Londres pelo engenheiro em chefe do Post-Officie de Inglaterra, resulta que o numero dos telegrammas transmittidos durante o anno de 1892 pelos telegraphos de Gran-Bretanha, foi de 70.215:439. O numero das palavras transmittidas do mesmo modo por conta da imprensa britannica, foi de 600.000:000, o que faz dois milhões de palavras por dia, ou 270:000 linhas, ou 9:000 paginas, ou 25 volumes em formato 12. Em 1871 o numero das palavras telegraphadas por conta da imprensa ingleza não foi além de vinte milhões. A differença é enorme.

O PRESIDENTE DOS ESTADOS-UNIDOS

O novo presidente dos Estados-Unidos do Norte, deve antrar brevemente no exercicio das suas altas funcções. Vem a proposito dar aqui alguns apontamentos biographicos a respeito do eleito.

O sr. Gover Cleveland nasceu em Caldivel (Nova Jersey), a 18 de março de 1837, e conta portanto 56 annos de edade. Seu pae era padre protestante, e achava-se n'uma posição muito modesta para poder occorrer ás necessidades de sua familia, que era numerosa; tinha nove filhos, e Grover era o quinto d'elles.

Aos oito annos começou a luctar com a vida aquelle que devia ser presidente da confederação norte-americana. Entrou como moço de recados na loja de um merceeiro, e as horas que lhe ficavam livres aproveitava-as elle para receber de seu pae licções de latim e contas. Pouco tempo depois morreu seu pae, e os irmãos mais velhos tiveram que trabalhar para sustentar a familia, que tinha ficado em condições pouco melhores do que a miseria. Cleveland conservou-se em casa do merceeiro, varrendo, partindo lenha e fazendo recados, com um salario muito pequeno. Apesar d'isso continuou a estudar com grande dedicação, e quando um tio lhe proporcionou um logar de escrevente de um advogado em Buffalo, poude desempenhar perfeitamente as suas novas funcções. Desde então os seus progressos foram muito rapidos; fez-se advogado, desempenhou o cargo de *Assistant altorney*, e desde 1862 até 1881 exerceu a advocacia, figurando entre os lettrados de maior fama no Estado de New York. Em 1881 foi instado por democraticos e republicanos para acceitar o cargo de primeira auctoridade em Buffalo. A situação era difficil, pois que as desordens locaes haviam excitado muito as contendas politicas. Clevelando acceitou o logar, reformou os abusos do conselho municipal, combateu as intrigas dos especuladores, acabou com as corrupções antigas, e com a sua feliz campanha administrativa attrahiu para si a attenção publica de tal modo, que no anno seguinte foi eleito governador de New York por uma maioria de mais de 200:000 vovos. Depois foi eleito presidente da republica, e ultimamente foi elevado novamente á primeira magistratura da confederação.

Cleveland viveu sempre uma vida simples; de principio, pela necessidade dos seus annos de pobreza, depois por gosto. Quando foi eleito governador de New-York supprimiu todo o pessoal de secretarios, addidos, correios e porteiros, conservando, como quando era um simples cidadão, apenas um escrevente, um creado e uma cosinheira. O creado recebeu ordem para deixar abertas as portas todos os dias a certas horas, durante as quaes o novo governador recebia toda a gente; apertava apenas a mão áquelles que só iam cumprimental-o, e tomava nota das pretenções dos que iam tratar de algum negocio, resolvendo todos estes na terça parte do tempo, que, em casos analogos, tinham empregado os seus antecessores.

Presidente da Republica, fez, com pouca differença, a mesma vida. Ninguem teve a menor difficuldade para obter d'elle uma audiencia, e foi isto que lhe valeu popularidade extraordinaria. Cleveland tem alguma parecença com Bismarck, physicamente. E' grosso e baixo; os caricaturistas podiam representa l-o, como o chanceller de ferro, com cara de *bulldog*. Ainda que advogado distincto, não é orador, e prefere escrever a pronunciar discursos. Tem grande memoria e mais intelligencia do que imaginação. Trata pouco de si no seu aspecto externo, e os seus amigos dizem que elle nunca usára de luvas, e que, quando mofam d'elle n'este ponto, vae buscar um capote e diz: — «aqui estão as minhas luvas.

Durante a sua anterior presidencia, levantava-se ás sete horas da manhã, e recomeçava a vêr os negocios pendentes, consultando a cada passo livros e papeis, espalhados sobre os moveis do seu gabinete. Um rapaz negro, a quem ensinou o logar que deve occupar cada livro e cada objecto, restabelece depois a ordem n'esse gabinete. A's 9 horas servir-se-lhe uma ligeira refeição. Depois lia o presidente a sua correspondencia, e o extracto dos periodicos, preparado por um secretario. Dava immediatamente depois audiencia a toda a gente por espaço de uma hora exacta. Terminada a audiencia voltava para o seu gabinete até á hora do almoço, ao qual, em geral, havia alguns convidados. Depois de um pequeno espaço de descanço, sahia a passeio com a sr.ª Cleveland, regressando, de ordinario, a pé.

Das tres horas até ás cinco, despachava com os altos funccionarios. Até ás oito, horas do jantar, trabalhava novamente no seu gabinete, e á noite, dspois do jantar, retirava-se para os seus aposentos, deitando-se em geral á meia noite. E' provavel que no exercicio das suas novas funcções, se não affaste muito d'este costume.

CARTA DE LISBOA

2 de março de 1893.

Como lhe disse na minha anterior, não poude dizer-lhe n'aquelle dia o que foi o sahimento funebre do illustre jurisconsulto sr. Pinto Coelho. O facto tem toda a importancia de um grande successo de sentimento. Não houve pessoa notavel em Lisboa que deixasse de cumprir o seu dever de consideração com o morto. A velha aristocracia, os membros do governo, o funccionalismo, todas as classes emfim, estiveram alli notavelmente representadas. A' beira do tumulo proferiram-se discursos notaveis. O do sr. Beirão em nome da associação dos advogados, é muito notavel. As palavras que seguem elevam o morto e honram o vivo.

«Quem me diria, ha pouco, quando procurava esboçar o perfil de Pinto Coelho, que lhe estava compondo o necrologio, e que a penna que corria descuidosa e satisfeita, tentando surprehender um *dia* sequer da sua honesta, laboriosa e agitada vida, havia, a pouco trecho, de ser completada pela palavra triste e compungida com que venho commemorar a *noite* da sua morte?! Singular coincidencia—mas em que só ha a admirar a nossa propria admiração. Se a vida é isto! Hontem a lucta, hoje a paz; hontem o pó que se agitava, hoje a cinza que repousa. E quando nos parece que vivemos, tanto nos chegamos á morte! Que admira, pois, que Pinto Coelho cahisse, varado em cheio, na pujança da sua indomita actividade? Não foi elle por certo que se admirou. Sabendo, como Seneca, que todos os dias nos vamos morrendo, mas tão superior ao philosopho como o christão ao estoico, não antecipou a morte, preparou-se para ella, e sentindo a vir, á semelhança do patriarcha biblico, chamou os filhos, lançou-lhes a benção, deu-lhes os ultimos conselhos, e, juntando os pés sobre o leito, foi unir-se ao seu povo. Não nos devemos admirar tambem nós, é certo, mas não podemos deixar de nos pungir. Nós, sobre todos, os advogados, seus consocios, seus collegas, membros da mesma familia espiritual de que elle era uma das mais puras e elevadas glorias. Outros dirão da sua fé politica, limpida e resistente como o crystal, outros do seu engenho para entender materias de administração, tão raro como feliz: que nós, absorvidos no egoismo da nossa dôr, não vêmos senão o confrade amantissimo que era nosso conselho e guia. Estou-o vendo na ultima vez que presidiu aos nossos trabalhos, e já—quem tal diria!—no mez corrente. Chegado pontualmente á hora, tomava assento na presidencia, e ahi, bem posto na larga cadeira, começava por expôr a consulta com aquella clareza que era um dos privilegios do seu talento, ia seguindo e apprehendendo a discussão com o olhar vivo e penetrante que Deus lhe déra, intervinha, ora para ordenar os debates, ora para esclarecer, com um relampago de bom senso, as duvidas suscitadas e afinal propunha com tal geito o seu voto que a assembléa corria atraz do seu parecer. Lembro-me que ao despedir-se—pela ultima vez!—me disse:—palavras textuaes—«Bonita discussão, felicito-me por ter assistido a ella, nunca d'aqui vou sem ter aprendido alguma coisa!» Modesta e eloquente revelação de um grande talento que sabia aprender sempre, e de um caracter ainda maior, que não punha duvida em o confessar!

Pinto Coelho sabia presidir, como sabia praticar todos os actos da sua vida—fazendo de cada um d'elles um novo aspecto do dever. E' que elle edificára no fundo da sua alma um ideal sublime, perante quem se cria responsavel, e quem lhe deu, na vida, a satisfação do dever cumprido, deu-lhe na hora da morte a paz da consciencia.

O homem não vive só de pão, disse-o o livro divino e este fim de seculo está mostrando que mal vae aos povos que não teem o culto do ideal. E' de homens da estofa e da tempera de Pinto Coelho que carecemos. Infelizmente, n'esta hora suprema, n'esta terra batida por um vento de desgraça, parece que a natureza, madrasta impia e cruel, se compraz em enervar as forças, enfraquecer as energias, deprimir os caracteres, e não contente ainda, procura d'entre nós os primeiros para os abater e prostrar! Não nos acobardemos, porém, tenhamos, como Pinto Coelho, um ideal, cumpramos, como elle, o dever austero. Foi nosso mestre na vida, seja-o na morte. Não levemos só d'aqui a saudade esteril, mas tambem o ensinamento fecundo. N'este logar, em que os cyprestes, embora tenham raizes na terra, erguem os troncos rijos e potentes aos céus, tambem, junto de um cadaver como o de Pinto Coelho se accende mais viva a fé e rebenta mais verde a esperança!

Era isto o que tinha a dizer em nome da Associação dos Advogados ao que foi nosso benemerito vice-presidente, emquanto não lhe pagamos outro tributo mais duradouro e academico.

E agora, para concluir, só accrescentarei:

Mestre... adeus!»

Destacamos do *Jornal do Commercio* a seguinte interessante nota ácerca da irmã Collecta:

«Apenas soube da morte do seu dedicado e fraternal protector, quiz ir abraçar esse venerando cadaver e derramar sobre elle as lagrimas da gratidão e da saudade. Pensou mais: em velal-o e acompanhal-o ao cemiterio. Mas o golpe que recebeu, foi tão fundo, a sua terna sensibilidade abalou-se a tal ponto que, a cada esforço que fazia, para, em pranto e orações, se despedir de quem, para assim dizer, lhe restituira a sua pureza de mulher e de irmã hospitaleira, succedia-se uma crise de nervos a impossibilital-a da piedosa missão de reconhecimento e pezar que, dolorosamente, lhe era grato desempenhar. E das lagrimas choradas por o dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho e das preces dirigidas ao Altissimo pelo descanço da sua alma, por certo as da irmã Collecta são das grande e indefectivelmente sinceras e das grande e indefectivelmente fervorosas. Lagrimas e preces assim são o mais eloquente elogio de quem é d'ellas objectivo.»

— O Supremo Tribunal Administractivo resolveu, em sesão de ante-hontem, annullar as duas eleições da commissão do recenseamento das ilhas de Nova Gôa, mandando-se proceder a nova eleição.

— Tem sido muito commentado o decreto que nomeou o sr. Pedro Victor da Costa Sequeira, para o logar de commissario regio junto da companhia de Cabo Delgado. Suscitou esses commentarios, o facto de o decreto ter sido assignado em 13 de janeiro de 1892, pelo sr. Julio de Vilhena, e só ante-hontem ter tido publicação. Effectivamente o caso não se comprehende de bem. Diz-se que o decreto não foi publicado na occasião em que foi sanccionado, por não estar ainda constituida a companhia. Como se explica então a nomeação de um funccionario para representar o governo junto de uma entidade... que não existe? Não percebemos e muito estimariamos que alguem nos désse explicações d'este estranho caso—diz um jornal d'aqui.

— Uma commissão de padeiros foi ante-hontem pedir ao sr. ministro das obras publicas para que os moageiros baixem o preço das farinhas, cedendo-lhes 6 réis em kilo, ou seja permittida aos padeiros a importação directa de farinhas estrangeiras. A commissão assegurou ao sr. ministro que, adoptando-se qualquer d'estas providencias, não será alterado o preço do pão, nem a sua qualidade.

— De Roma traz-nos o telegrapho as seguintes noticias:

ROMA, 28.—O Papa recebeu hoje o embaixador de Portugal e todo o mais pessoal da embaixada. O embaixador apresentou a S. S. as felicitações de el-rei D. Carlos pelo seu jubileu episcopal, e entregou-lhe da parte de S. M. um rico ciborio de estylo antigo. O Papa levou depois o embaixador para o seu aposento particular, onde conversaram ambos por algum tempo.

ROMA, 28.—O Papa, cuja saude é excellente, recebeu hoje o embaixador hespanhol, que lhe apresentou os presentes e as felicitações da rainha regente. Em seguida S. S. recebeu os peregrinos inglezes.

— Angelo Garcia Ramos, não se suicidou no alto mar como ha dias se disse. O homem reappareceu. O caso conta-se do seguinte modo:

Todos se lembram d'este rapaz que foi preso por falsificação de letras e roubou o pae, que o affiançára, seguindo com a amante e pondo-se em fuga para o Rio de Janeiro. A sua captura foi reclamada e o Ramos veio da capital federal a bordo do *Rei de Portugal*, guardado pelo sargento Valentim, da guarda de policia fluminense. Como egualmente se sabe, de 13 para 14 do mez passado, na vespera da chegada do referido barco ao Tejo- Ramos desappareceu, deixando duas cartas, nas quaes communicava a resolução que tomára de matar-se. Como ninguem désse pela sua morte, procurou-se todo o navio baldadamente, suppondo-se que se tivesse lançado ao mar. De tudo isto dei noticia. O *Rei de Portugal* largou do nosso porto para o do Havre no dia 17, e ninguem mais pensou no Ramos. Pois no dia 21, ao chegar ao referido porto, quando se procedia á descarga, foi encontrado no porão, quasi morto de fome, o Angelo Ramos. Este precioso apparecimento foi participado pelo capitão do navio ao director da Mala Real Portugueza. Ramos ficou peso no Havre e deve vir para Lisboa no mesmo vapor, o *Rei de Portugal*, chegando aqui a 15 do corrente. Falhou-lhe o plano, que era muito bem imaginado.

— Ao cahir da tarde de hontem os operarios Adriano Antonio da Silva e Castro, Antonio Bernardino Pereira, José Fernandes d'Oliveira, Manuel Jacintho d'Araujo, Joaquim Maria, Antonio Joaquim de Brito, João dos Santos, Simão Joaquim Lopes e sua esposa Maria da Conceição Lopes, andando em passeio na Serra do Monsanto, lembraram-se de ir ao *Covão do Gesso*, onde se deu o triste drama. Ao entrarem na gruta, recuaram horrorisados. Lá dentro, ao fundo, achava-se sentado um soldado da guarda municipal, de sabre desembainhado, posto sobre os joelhos, em attitude meditabunda, gravando sobre uma folha de piteira o seguinte:

«Hoje, 1 de março, quem encontrar esta folha de piteira vá participar á 2.ª companhia da guarda municipal. Peço tambem á minha familia que pague 1$500 réis á hospedaria.»

Percebendo logo que o soldado, que é o 120 da 2.ª companhia, de nome João Augusto de Carvalho, se queria suicidar, dissuadiram-n'o de tal intento, e sabendo que tinha algumas pequenas difficuldades pecuniarias, auxiliaram-n'o como poderam e acompanharam-n'o ao quartel dos Paulistas, sendo recebidos pelo sr. alferes João Augusto, a quem relataram tudo o que succedera, entregando-lhe quatro cartas; uma que o 120 dirigia á mãe, outra para uma rapariga de Monte-mór, de ende elle tambem é natural, e as duas restantes para dois amigos.

Y.

SECÇÃO LITTERARIA

PEROLAS INTIMAS

(Luiz Navega e Guilherme d'Almeida)

Ora muito bem. Quem sabe experimentalmente avaliar com quanto de difficuldade, se tem de hombrear na realisação da luminosa e encumiastica ideia da publicação dos primeiros lampejos litterarios que a imaginação fervental, sentimental, de dois mancebos incontestavelmente e provadamente estudiosos prolificou no seu mais encantador periodo da mocidade—e ver hoje traduzida em obra essa ideia—não pode cohibir-se de balbuciar em phremitos d'enthusiasmo:—Ora bem, muitissimo bem!

Referimo-nos ás mimosas *Perolas intimas* dos laureados academicos da Universidade de Coimbra, Luiz Navega e Guilherme d'Almeida —dois corações que se unificam empolgando o mesmo sentir; dois corações esmerilados á primor no magestatico e excelso fanal da Religião; dois corações «tão distantes pela sorte, quanto unidos pelos mesmos ideiaes».

E é assim que se explica o apparecer-nos a militar no monumental campo das lettras mais um bello opusculo com *passaporte* firmado por dois noveis escriptores.

Os *Contos rapidos*,—a 1.ª parte da supra-citada obra, as primeiras locubrações genialmente sympathicas d'um moço intelligente, encontram-se rechciados de episodios galantes habilmente ligados e apimentados pela penna graciosa e alegre do nosso querido amigo Luiz Navega. Linguagem sempre limada e sempre correcta, estylo sempre attrahente e sempre despretencioso, conceitos primorosos e pensamentos sublimes—eis tudo.

E' assim que se exalsam as proeminentes balisas que em tempos que não veem longe deverão archidoirar a rozea vida do agora atilado academico e escriptor incipiente.

*

A 2.ª parte—*Telas ideaes* (poesia)—é como o seu auctor Guilherme d'Almeida diz:—Cada rima é uma lagrima e cada verso um lamento. E não admira.

Guilherme d'Almeida, nascendo positivamente para a litteratura, pondo em relevo o dom da inspiração e o segredo da harmonia, aperfeiçoa maravilhosamente o seu estro amando e cultivando a arte pela arte. Senão é ver-se como a par d'outros excerptos magnificos lança mão da Natureza e cognominando-a de *verme* traça um quadro tão bello, tão explendoroso que chega por vezes a enternecer, a commocionar.

O ultimo producto do seu previlegiado e luminoso cerebro, as mais recentes e garbosas expanções da sua alma gentil—*que tão bem sentir e que tão admiravelmente sabe cantar*,—hão-de ser, pois, inegavelmente abençoadas e bemvindas pelo publico illustrado e imparcial.

*

A ambos um fraternal abraço de leaes camaradas no jornalismo; e a Luiz Navega o nosso mais penhorante reconhecimento pela gentileza da offerta.

Cadima, 27 de fevereiro.

Padre Moysés Nora.

O ULTIMO FILHO

Ponto Historico

O nosso devoto rei D. João III herdou tudo de seu pae D. Manuel, menos essa felicidade pasmosa, com que o duque de Beja adquiriu e sustentou um scepetro fulgurante do prestigio, e se perpetuou em tão copiosa descendencia. O seu reinado sobresaiu alguma coisa nas armas, porque n'elle floresceram homens do pulso de D. João de Castro, Nuno da Cunha, Heitor da Silveira e D. João de Mascarenhas. Nos negocios publicos que elle não fiou de Deus e da sé apostolica, valeu-lhe Antonio Carneiro e seu filho Pedro de Alcaçova Carneiro, que ainda retardaram habilmente de alguns annos a nossa tremenda derrocada politico-economica do declinio do seculo XVI. Ora erguendo-se, ora abysmando se na politica interna e externa do paiz; assistindo ao baquear vertiginoso do nosso poderío africano, sem que os seus calculos sobre a Asia o compensassem da perda de ricos emporios como Azamor,Çafim e Alcacer-Seguer; estontcado com o sangue que derramava em todo o paiz pelo braço homicida da icquisição; envolvido nas arengas temerarias de seu cunhado Carlos V, nem ao menos tinha um conchego domestico, cuja alegria intima, balsamica, lhe refizesse o espirito dos remorsos e luctas tão complexas da sua vida publica.

Elle e sua mulher D. Catharina já não provinham de sangue muito apurado para produzirem bons fructos conjugaes. Allianças entre parentes, e de fria convenção politica e economica, não promettiam, de lado a lado, maiores venturas do que as experimentadas pelos dois esposos, quasi aturadamente desde 1526 a 1540.

Nove filhos que nasceram no espaço de 14 annos; e n'este mesmo periodo nada menos do que sete lhe foram roubados pela morte com todos os sonhos da alma, com todas as esperanças successivas de que a sua má sina cançaria uma vez, poupando-lhe entre tantos ao menos um rebento, onde se espalhasse o seu amor de pae e a sua ambição de rei. D. Affonso, D. Izabel, D. Brites, D. Manuel, D. Filippe, D. Diniz e D. Antonio, apenas desabrocharam no berço, penderam logo mortalmente para o tumulo.

Entre D. Diniz, fallecido em 1537, e D. Antonio, em 1540, nasceu o principe D. João, que sobreviveu a todos. Ao cabo de tantos golpes, aquelles dois corações, acerbamente feridos, alimentavam a melhor esperança de que a morte cançara em fim, deixando-lhes D. Maria, casada com o principe castilhano D. Filippe, e o referido D. João, que parecia ter as necessarias condições de vida.

Novo e cruel desengano lhes trouxe em 1545 a morte de D. Maria.

De nove filhos restava aos pobres monarchas de Portugal um só, mais estremecido, mais resguardado das contingencias mortiferas da vida, do que as proprias meninas dos olhos.

Foi crescendo o principe entre mil carinhos paternaes e precauções scientificas. Até o famoso ministro Carneiro chegou a consultar um physicos mais entendidos d'estes reinos sobre o melhor regimen para a creação d'um principe. Em 1552, D. João contava 15 annos de edade. Como medida hygienica preventiva, talvez, ou para que D. João III levasse para o outro mundo a possivel certeza de que deixava successores ao throno em duas gerações, casou o filho com a princeza D. Joanna d'Austria, filha de seu cunhado Carlos V. Outra vez a negregada alliança entre parentes, apesar de tão amargas liçõss. (1)

E para que o povo portuguez participasse todo da elegria ruidosa da corôa, entendeu o *piedoso* rei lançar um imposto especial para as festas do casamento, sem limite minimo de rendimento collectavel.

Entre os desgraçados, que não tinham para onde se voltar a fim de arranjar a importancia da sua contribuição, destacou-se uma mulhersinha de Montemór-o-Novo, em cuja choupana entraram os agentes fiscaes para proceder a uma execução, visto que ella não pagára a quantia approximada de um tostão, em que fôra collectada.

A pobresinha, vendo aquelle medonho apparato judicial, caiu aos pés dos executores, debulhada em lagrimas, protestando a sua pobreza, supplicando pelo amor de Deus e pela boa sorte do principe, que el-rei a dispensasse d'um sacrificio, que nem mesmo com a sua grande vontade de o servir sabia como fazer.

Mas os homens da lei não entendem a linguagem das lagrimas: e a miseria nunca fez fé aos olhos inexoraveis do fisco. Era necessario que todos, pobres e ricos, se associassem do *coração* ao jubilo do seu rei e senhor. A unica coisa de valor, que tinha a Maria Fernandes, era a sua saia de ir ver a Deus: pois foi isso mesmo que lhe levaram em paga do imposto.

D'ahi a pouco tempo, em 1554, morria o principe; e a pobre D. Catharina, nas allucinações da sua enorme dôr, até se queixava amargamente do proprio Deus.

— *E bem, Senhor*,—clamava a afflicta creatura—*oito filhos me levastes; agora este, que é o lume dos meus olhos, tambem me arrebatastes! Que é isto? Que peccados tenho eu commettido contra vossa divina Magestade?*

D. João III passeiava, sorumbatico e apprehensivo, perto do oratorio, onde a esposa misturava as suas preces por alma do filho com os seus queixumes pelos mysteriosos decretos da Providencia. O monarcha, que já sabia da historia da saia, accudiu, talvez espicaçado do remorso, a atalhar as queixas de D. Catharina.

— *Senhora, não vos queixeis de Deus; não vos matou elle vosso filho. Sabeis quem o matou?...*

E a resposta ficou-lhe suspensa dos

(1) O unico fructo d'este matrimonio foi o nosso desgraçado rei D. Sebastião.

do Douro, não tivessem os agentes do governo de Sua Magestade Britannica por uma intimação a tempo, explicita, formal, convenientemente prevendo o doloroso aconteimento que teve lugar pelas seis horas da manhã do dia 31 de maio em frente da barra do Porto. All sem previa declaração de guerra, os vasos da marinha britannica e hespanhola cercando inopinadamente com forças muito superiores as nossas forças navaes as intimaram para desobedecerem á Junta se collocarem debaixo d'artilheria das esquadras, que ellas não sabiam ainda serem inimigas. E como um general portuguez sem faltar ao que devia á sua honra e á sua patria, não podia receber semelhantes ordens, que eram altamente offensivas da independencia nacional, o nobre marechal do exercito Conde das Antas não tendo forças bastantes para repelir a aggressão, se entregou e foi recebido como prisioneiro de guerra das forças navaes de Sua Magestade Britannica, protestando altamente contra uma tão inesperada violação do direito das gentes, que a propria Inglaterra não póde deixar de condemnar, e que merecerá por certo a reprovação do mundo e da posteridade.

A Junta considera que um semelhante attentado, commettido em despeito da boa fé e lealdade, que se devia esperar d'aquellas grandes nações, é o maior que um governo civilisado podia commetter não só contra Portugal, mas contra a independencia de todas as nações expostas no futuro a semelhante e insolito procedimento.

Por isso, a Junta em nome da nação protesta energicamente contra a iniqua detenção da sua esquadra, e mais iniquo aprisionamento e desarmamento da sua brilhante divisão, não só pelo ultrage feito ao povo portuguez, mas tambem pelo prejuizo incalculavel, que esse aprisionamento causou á justa liberdade do mesmo povo.

E para constar mandou a Junta lavrar e publicar este protesto que ella confia ao juizo imparcial da presente e futuras gerações.

Porto e Palacio da Junta Provisoria do Governo Supremo do Reino 1 de junho de 1847.

José da Silva Passos, vice-presidente.
Francisco de Paula Lobo d'Avila.
Justino Ferreira Pinto Basto.
Antonio Luiz de Seabra.
Sebastião d'Almeida e Brito.

DOCUMENTOS

RELATIVOS AO ARMISTICIO FORÇADO, OU ANTES, Á TRAIÇÃO COMMETTIDA EM NOME DE INGLATERRA E D'HESPANHA

Ill.mo e ex.mo sr.—Quando me dispunha esta manhã a partir com a força expedicionaria ao destino que á mesma força ordenou a Junta Provisoria do Governo Supremo do Reino, recebi a intimação do chefe das forças navaes britannicas em frente da barra do Porto para sustar aquelle movimento, e me conservar ancorado debaixo da sua artilheria.

Recusei, como devia, exigindo que qualquer declaração me fosse feita por escripto, e que tendo de cumprir como militar as ordens da Junta sómente á força maior me renderia. Recebi então communicação verbal de que o commandante inglez empregaria a força, e logo depois o officio cópia n.º 1. N'estas circumstancias cercado pelos vasos de guerra inglezes, muito superiores á nossa força naval, impossibilitado por outra parte com avultado numero de soldados de terra para combater e repelir a força com a força, declarei-me pelo modo constante do officio n.º 2, prisioneiro de guerra, e fui obrigado a entregar as armas, lavrando de tudo protesto por cópia adjunto, contra a injusta aggressão feita a Portugal, o que levo ao conhecimento de v. ex.ª para constar á Junta do Governo.

Deus guarde a v. ex.ª Bordo do vapor *Mindello* 31 de maio de 1847. — Ill.mo e ex.mo sr. José da Silva Passas. — *Conde das Antas.*

ras de outras que poderia ser necessario empregar com o fim de pôr termo á guerra civil que tantos males está causando a este reino.

Alguns dos navios da armada de S. Magestade Catholica receberam ordem para impedirem que entrem e saiam pela barra do Porto os navios de guerra da Junta, e quaesquer outros que se achem empenhados na causa da mesma; fazendo extensiva esta medida aos demais pontos da costa que igualmente lhe prestem obediencia, e adoptando outras precauções que a prudencia aconselha para prevenir encontros e combates que não podem dar mais resultado que o de uma esteril e deploravel effusão de sangue.

Devo tambem cumprir o dever, para mim ainda mais grave todavia, de declarar a v. ex.ª da maneira mais formal, que o governo de S. M. a rainha de Hespanha faz á Junta do Porto responsavel, collectiva e individualmente, como tambem aos empregados militares e civis dependentes da mesma, de qualquer damno ou violencia que possa causar-se ás pessoas e propriedades de seus subditos.

Declaro a v. ex.ª por ultimo, que á suspensão dos movimentos militares da Junta corresponderão com igual conducta as tropas do governo de S. M. F. Recordo a v. ex.ª o testemunho da minha mais alta consideração.

Lisboa 20 de maio de 1847. Ex.mo sr. R. L. M. de v. ex.ª seu attento e seguro servidor — *Luiz Lopes de la Torre Ayllon.*

Copia.—Ill.mo sr.—O abaixo assignado levou ao conhecimento da Junta Provisoria do Governo Supremo do Reino a carta de sir G. H. Seymour dirigida ao seu presidente o conde das Antas em data de 20 do corrente, o que hoje foi entregue pelo consul de Sua Magestade Britannica na presença do consul de Sua Magestade Catholica ao abaixo assignado vice-presidente e encarregado dos negocios estrangeiros da mesma Junta, e por elle aberta em virtude da authorisação de sir Seymour datada de Lisboa em 24 do corrente, na qual carta s. ex.ª diz que o ter a Junta desattendido á exhorta-

exilio de seus generaes, os assassinatos e fuzilamentos de seus filhos prisioneiros de guerra, e o incendiamento de suas casas, sem jámais se separar da senda de humanidade e lealdade, que tinha traçado, devia encontrar antes as sympathias, de que a aversão dos governos constitucionaes da Europa.

Em quanto a sorte, no começo da campanha, foi adversa ás armas da nação—em quanto o ouro corrompia alguns regimentos traidores, e a Providencia provava pela adversidade a nossa constancia na sanguinolenta batalha de Torres Vedras—em quanto depois de um grande revez o exercito nacional se achava no Porto, ameaçado pelas forças de Sua Magestade a Rainha e pelas forças de D. Miguel defendendo-se com heroica intrepidez contra estes dois inimigos, ninguem se lembrou, de que o sangue em Portugal corria em torrentes, e o governo de Lisboa respondia com desdem ás benevolas sollicitações do governo de S. M. Britannica a favor dos illustres prisioneiros de Torres Vedras, por quem o feroz governo de Lisboa não mostrou nem generosidade, nem compaixão. Mas quando á força de constancia e á custa dos mais acerbos sacrificios, e dos feitos da mais decidida energia e patriotismo, a Junta pôde, como por encanto, fazer reconhecer a sua authoridade em todas as provincias ao norte do Douro e ao sul do Tejo, e governava em ambas as Beiras e parte da Extremadura, apesar da occupação d'uma porção d'estas provincias por todas as forças do governo de Lisboa, e quando o archipelago dos Açores e a Ilha da Madeira espontaneamente se pronunciavam pela Junta, quando uma segunda e arrojada expedição maritima se executava, a qual pôria breve e infallivel termo a esta guerra desastrosa, é que os governos das duas nações alliadas julgaram opportuno offerecer uma medeação, que se dizia amigavel, mas que pelo menos não foi dirigida n'esse espirito.

Essa medeação arrebatava das mãos da Junta uma victoria infallivel, que, pondo termo á guerra civil pelo completo triumpho da causa nacional, devia reconciliar o throno com a liberdade, e assegurar a todos os portuguezes o goso das garantias constitucionaes sem distincção de partidos; a

tos tremulos durante alguns instantes. A inconsolavel mãe ergueu-se com espanto, fixando no marido os olhos envidraçados de lagrimas, e este pareceu reunir todas as suas forças pulmonares, refluindo-lhe ao semblante desarranjado o fogo que o requeimava lá por dentro.

— *Quem matou vosso filho, senhora, foi a saia de Maria Fernandes, de Montemór-o-Novo.*

Não seremos nós quem se ria do terror supersticioso de D. João III, nem das almas cheias de fé, que vêem a intervenção divina nos erros e injustiças dos homens. Não lhes roçaguêmos com o sopro estiolante da nossa philosophia a crença, repressiva para os tyranos e consoladora para os que soffrem, de que nem tudo se paga nas regiões, cada vez mais problematicas, do outro mundo.

Nicolau Florentino.

BIBLIOGRAPHIA

Biblia Sagrada Illustrada.—Recebemos já os fasciculos n.os 141 a 150 ou a 15 cad. Texto: Isaias cap. XLIV a Jeremias cap. XXXI, contendo 30 magnificas gravuras d'esta monumental publicação, que agradecemos.

PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

ANNUNCIOS

CHARRUAS S. S.

A Fundição do Ouro, no anno findo de 1892, debaixo da direcção do habil Regente Agricola, o ex.mo sr. Joaquim de Souza dos Santos, introduziu importantes melhoramentos na charrúa do systema americano, a respeito das quaes diz n'uma carta datada de 14 de julho, do mesmo anno, o ex.mo sr. Augusto Serrão de Faria Pereira, da Azinhaga, no concelho de Santarem, o seguinte: «*Fiquei encantado com o bom serviço produzido pela bella charrúa S. S. Faz optimo trabalho, vira a leira com a maior perfeição, e o rêgo é, em toda a altura, d'egual largura. Nas terras riquissimas das nossas propriedades, e, que, custam muitissimo a trabalhar, profunda-se a lavoura até 0,26 c. sem difficuldade. Creio que a aitura, quando o terreno em boas condições, será de 0,36 c. Far-me-ha o amigo o favor de me enviar mais duas charruas para a estação de Matto de Miranda.*»

Tão authorisada informação, prova os bons effeitos dos melhoramentos introduzidos, e a grande conveniencia de se fazer uso d'estas charruas.

Porto e Fundição do Ouro, 1 de fevereiro de 1893.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

PRENSAS E BOMBAS

PARA VINHO

A *Fabrica de Fundição do Ouro do Porto*, está construindo prensas de parafuzo e roquete, moveis, para o bagaço de vinho, pelo systema de **Wecker,** no Luxembourg, para todas as quantidades de bagaço e para qualquer pressão, que vende pelos preços das do estrangeiro.

Tambem está construindo bombas para trafegar vinhos, do systema de **Gaillot.** estando já algumas das que construiu a funccionar em Villa Nova de Gaya.

Porto, 26 d'agosto de 1892.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

PRENSAS PARA AZEITE

A fabrica da Fundição do Ouro, tem promptas algumas prensas para extrair azeite do bagaço da azeitona, as quaês satisfazem a uma pressão de 250:000 kilogrammas, *e pela qual se obtem 2 litros d'azeite de cada ceira, depois de serem compremidas com as varas.*

Vendem-se agora com grande abatimento.

Porto, 22 de dezembro de 1892.

O director gerente da Nova Companhia da Fundição do Ouro,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

AOS SRS. PHARMACEUTICOS

De todo o paiz, ilhas adjacentes e ultramar que ainda não tenham relações com a

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

se roga queiram enviar os seus endereços ao escriptorio da companhia

Praça de D. Pedro, 59, 1.°—LISBOA

a fim de receberem *gratis* o 1.° numero do boletim da companhia, publicação cujo conhecimento deve interessar-lhes.

A' ILLUSTRE CLASSE MEDICA

Roga-se aos ex.mos srs. facultativos do paiz, ilhas adjacentes e ultramar que não tenham recebido o *kalendario agenda* da

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

o favor de enviarem os seus endereços ao escriptorio da mesma companhia.

59, Praça de D. Pedro, 1.°—LISBOA

VICTORIA PEREIRA

VIAGENS PORTUGUEZAS

PORTUGUEZES E INGLEZES EM AFRICA

Um grosso volume em 8.° grande, franco de porte, 600 réis.

Um bello mappa da Africa Oriental acompanhará este interessante livro.

Recebem-se assignaturas na Empreza Editora do Recreio, Rua da Barroca, 109—Lisboa, para onde será dirigida toda a correspondencia.

SERRAS MECANICAS DE FITA

A Fabrica de Fundição do Ouro, tendo em vista o maior emprego de operarios, dedicou-se ultimamente á construcção das serras mecanicas de fita, pelo systema das que têm vindo do estrangeiro, que melhores resultados tem produzido.

A primeira que se construiu está a funccionar na tanoaria do ex.mo sr. José Joaquim Correia Ribeiro, na rua do Torne n.° 24, em Villa Nova de Gaya.

Preços muito commodos e obra garantida.

Porto, 30 de janeiro de 1893.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

TRASPASSA-SE

uma ourivesaria bem afreguezada, em Aveiro,

Trata-se com Antonio da Costa, da mesma cidade.

O ADVOGADO BARBOSA DE MAGALHÃES

mudou o seu escriptorio e a sua residencia para o Largo da Trindade, n.° 17, 1.°—em Lisboa.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

NÃO MAIS O ENXOFRE SO

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM AO MESMO TEMPO

EMPREGUE-SE O **Enxofre composto—ESTACIO**

Empregava-se o enxofre só nas vinhas, quando estas eram atacadas sómente pelo **Oidium.**

Como agora são tambem atacadas pelo **Mildiu,** o nosso director technico, na sua qualidade de chimico e possuindo propriedades importantes de vinhas, estudou e applicou uma composição de enxofre com o fim de combater AO MESMO TEMPO os dois grandes males: o **Mildiu** e o **Oidium.**

E tão surprehendentes e extraordinarios foram os resultados da applicação do seu enxofre composto, que as suas vinhas parecem ransformadas, o que é de publica notoriedade nos sitios das propriedades, e algumas pessoas, que tambem o applicaram, obtiveram o mesmo resultado, e não deixam de o empregar, como o certificam muitos attestados.

MODO DE EMPREGAR

Applica-se com as enxofradeiras, da mesma maneira que o enxofre simples, uma vez nos principios de maio, outra pouco antes da florescencia, depois mais 2 ou 3 vezes, com intervallos de 3 a 4 semanas, podendo por ultimo, quando não ha a receiar o oidium, empregar-se o **Pó anti-mildiu Estacio** em vez do **Enxofre composto Estacio,** por ser muito mais barato.

È sempre utilissimo fazer a applicação do **Enxofre composto Estacio,** embora não seja nas épocas indicadas, ou se tenha deixado de fazer alguma applicação.

O **Enxofre composto Estacio,** custa muito pouco mais do que o enxofre simples.

Vende-se em saccas ou a granel. Recebem-se as saccas a razão de 80 réis.

Lisboa—Fabrica da Companhia, Campo Pequeno, 17, ou na séde, Rocio, 59, 1.° e no Centro Agricola Industrial, Arco da Bandeira, 12.
Santarem—Sr. Joaquim Augusto Xavier Ramos, rua de S. Nicolau.
Figueira—Sr. Modesto Augusto Martins.
Bombarral—Sr. José Maria Duarte.
Portalegre—Sr. José Augusto de Pina Carvalh .
Abrantes—Sr. Manuel Dias Pinheiro.
Torres Vedras—Sr. Joaquim Pedro Marques.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇAO DE INVERNO

Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas do pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120 !
Matelacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500,
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visites modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes, exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA 33 A 41

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.°
PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala, e por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componentes tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica,* taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

XAFREDO & FILHOS

RUA NOVA DO ALMADA, 64

LISBOA

Alfayates premiados em todas as exposições. Fazendas de completa novidade em lã, linho e seda. Especialidade em todos os artigos de **Sport.**

O maior e mais completo sortimento de utensilios para esgrima, fornecimentos para clubs e salas d'armas. Carabinas para carreira de tiro e salão. Diversos systemas de construcção d'apparelhos para gymnastica e de gymnaisso completos.

Fornecem-se todos os esclarecimentos e preços correntes a quem os pedir.

CASA FUNDADA EM 1850

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

900 a 1:000 GRAVURAS

PROSPECTO E ESPECIMEN GRATIS

Assigatura 20 réis por fasciculo ou caderneta 180 réis (10 fasciculos)

ESTÁ CONCLUIDO O PRIMEIRO VOLUME

PARA INFORMAÇÕES

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

MOUSINHO DA SILVEIRA, 191, 1.°—PORTO

E NAS LIVRARIAS

UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes e mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprictarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamento, defluxo, rheumatismo, dôres, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito em todas as pharmacias.—Em Pariz, rua de Seine, 31.

FERRO QUEVENNE Unico approvado pela Academia de Medicina de Paris.
Cura Anemia, Fobreza do Sangue, Perdas, Dores de Estomago.—50 annos de successo.
Exigir em cada frasco de Ferro Quevenno o sello da "UNIÃO dos FABRICANTES". 14, F. Beaux-Arts, Paris.

Consultorio Medico-Cirurgico

—DE—

Molestias de Senhoras e Creanças

DAS MEDICAS

Laurinda de Moraes Sarmento e Aurelia de Moraes Sarmento

Consultas das 11 horas da manhã ás 3 da tarde
Chamadas para PARTOS a qualquer hora

579—RUA DO ALMADA—579

PORTO

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz. — Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

Junta desejando alcançar estes beneficios para a nação, que representa, acceitou a medeação, que não pedira, que lhe não era necessaria, e que emquanto officiosa e phylantropica não offendia o pundonor nacional. Mas acceitando aquella medeação não entendeu a Junta entregar a sorte da liberdade portugueza e da nobre causa, que defende, ao juizo e sentença das potencias medeadoras, que a mesma Junta nunca reconheceu como juizes e arbitros n'esta contenda, porque a nação portugueza tem bastante capacidade e intelligencia para de per si se reger e governar sem carecer da tutella dos governos estrangeiros, á qual a Junta nunca entregaria os destinos do seu paiz.

A Junta accrescentou ás propostas que lhe foram dirigidas as substituições, e artigos addiccionaes, que lhe pareceram rasoavois e tão decorosas para a corôa, como necessarias para segurar a liberdade do povo portuguez, e para defendel-a contra tentativas semelhantes ás de 6 d'outubro. A Junta desejava uma paz honrosa para todos, a reconciliação sincera dos partidos, debaixo do regimen constitucional, sem prejuizo das legitimas conquistas da civilisação, nem do decoro da corôa.

Em data de 20 de maio propoz-se um armisticio pelos ministros de S. M. Britannica, e catholica, e de Sua Magestade o Rei dos francezes. A Junta considerou que devia dar um passo que testemunhasse o seu sincero desejo de paz e sua deferencia pelo decoro da corôa e dignidade nacional, pedindo por intermedio dos ministros alliados a permissão de enviar á presença de Sua Magestade commissarios portadores d'uma respeitosa mensagem da Junta, não só para tratar do armisticio proposto, mas igualmente das providencias ulteriores indispensaveis para restituir ao paiz a paz, a ordem legal e a liberdade constitucional, sem quebra do decoro do throno e da independencia nacional, e apenas obteve uma resposta negativa. (Documento n.° 3. Nacional de 7 de junho de 1847).

Mas ainda que o armisticio fosse recusado, nunca seria isso motivo justificado de guerra, e muito menos quando a questão que se discutia era de politica domestica e interna de

N'ella vos disse e á Junta do Porto, que no caso de vós não annuirdes a uma suspensão de hostilidades por mar e por terra, até a resolução dos governos alliados, seriam empregados outros meios, que se julgassem necessarios, para pôr termo a uma inutil effusão de sangue em Portugal.

A esquadra de Sua Magestade tinha recebido ordem para bloquear a barra do Porto, e impedir a entrada e sahida de embarcações de guerra, ou quaesquer outras empregadas no serviço da Junta para fim hostil. E quando isto fosse levado a effeito nos outros portos que reconhecem a Junta, seriam tomadas outras precauções que a prudencia dictasse, a fim de evitar um conflicto inutil.

Cumpre-me mais dizer-vos—ainda que julgo isto desnecessario—que o governo de Sua Magestade considerará a Junta, tanto collectiva como individualmente, e bem assim todos os officiaes militares e civis ás ordens da mesma, responsaveis, por qualquer acto de violencia para com as pessoas e bens dos subditos de Sua Magestade.

Finalmente declaro-vos que á cessação de hostilidades por parte das forças da Junta corresponderá igual cessação de hostilidades por parte das forças de Sua Magestade Fidelissima, assim por mar como por terra.

Aproveito esta occasião para protestar-vos a minha mais alta consideração para comvosco. — *G. H. Seymour* ministro de Sua Magestade Britannica.

—

Nota do embaixador hespanhol, entregue á Junta á uma hora da tarde do dia 31 de maio de 1847

Legação de Hespanha em Lisboa. — Senhor Conde. — Consequente com as vistas e sentimentos que tive a honra de manifestar a v. ex.a na minha primeira carta, é para mim um dever fazer presente á Junta estabelecida n'essa cidade, que o desattender a exhortação que lhe foi dirigida para suspender todas as operações de guerra por mar e terra em quanto tomavam conhecimento do actual estado dos negocios os governos alliados dará lugar a algumas medidas precurso-

Cópia n.° 1.—Bordo do navio de Sua Magestade, *America,* fóra do Porto, 31 de maio de 1847. — Sr. Conde das Antas.—Tenho a honra de informar-vos que as minhas ordens são terminantes para tomar posse dos navios de guerra da Junta, tropas etc., e se elles immediatamente não ancoram perto da *America* ou serei compellido, todavia com repugnancia, a usar da força.

Tenho a honra de ser vosso obediente criado—*Maitland.*

—

Copia n.° 2.—Ill.mo e ex.mo sr. Acabo de receber o officio que v. ex.a me dirije n'esta data, e cercado por forças muito superiores ás do meu commando, considero-me prisioneiro de guerra. Protesto altamente contra a infracção violenta do direito das gentes, e o protesto que immediatamente vou lavrar será visto com horror pelas nações civilisadas: é a guerra sem declaração previa a uma nação amiga; é o abuso maior que jámais se fez da força, revestido de circumstancias summamente aggravantes: é ex.mo sr., um acto que deshonra para sempre a poderosa Inglaterra. Digne-se v. ex.a dar as suas ordens sobre o destino ulterior da força do meu commando.

Deus guarde a v. ex.a Bordo do *Mindello,* em frente da barra do Porto, 31 de maio de 1847.—Ill.mo e ex.mo sir. Thomaz Maitland.—*Conde das Antas.*

Está conforme. — *B. J. Garcez,* major quartel mestre general.

—

Copia n.° 3.—Para s. ex.a o Conde das Antas. — Senhor. Como as tropas debaixo do vosso commando estão agora prisioneiras de guerra, com o fim de prevenir um inutil derramamento de sangue, eu tenho a pedir-vos que deis as necessarias direcções para que ellas deponham as armas; porque de outras sorte terei de usar dos meios á minha disposição, para obrigal-as a fazel-o.—(Assignado) *Maitland.*

—

Legação britannica em Lisboa.—Lisboa 20 de maio de 1847.—Sr. Conde.—Outra vez me cumpre dirigir-me a vós, animado das mesmas intenções que dictaram a minha primeira carta.

uma nação independente, que por nenhum principio devia obediencia e sugeição a outras nações.

Em consequencia, a Junta protesta da maneira mais formal, publica e solemne, contra a intervenção armada das nações estrangeiras nos negocios de Portugal; intervenção que a Junta considera como um dezar para a corôa de Portugal e um attentado contra a honra, liberdade e independencia da nação. E levará este protesto ao conhecimento das nações civilisadas, para que o mundo saiba, qual tem sido o comportamento dos governos interventores para com a nação portugueza, e como esta mesma nação fôra forçada a sugeitar-se a um armisticio desvantajoso imposto pela força; e para que quaesquer desgraças, que no futuro accresçam a este povo tão nobre e tão opprimido, lhe não possam ser imputadas, nem á Junta que o representa, mas sómente a quem contra elle emprega a força e a violencia d'uma maneira, que o direito das gentes não authorisa, e que as solemnes declarações dos ministros de S. M. Britannica não davam logar a esperar.

Esta intimação por cartas datadas de 20 de maio só foi feita ao vice-presidente da Junta em 31 do mesmo mez pela uma hora da tarde, e antes d'ella feita, e antes que se concedesse á Junta espaço rasoavel para deliberar como um corpo collectivo, e para expedir as ordens ás suas forças de terra e mar, não podia nem devia a mesma Junta esperar que contra as suas forças rompessem abruptamente as hostilidades. A Junta não podia suppor que os agentes de S. M. Britannica e de S. M. Catholica conservassem por tanto tempo occultas e sem dar d'ellas conhecimento á Junta, aquellas duas cartas de intimação d'uma data tão anterior.

E tendo em consequencia da sua boa fé a mesma Junta feito consideraveis despezas para pôr em campo e embarcar uma forte divisão expedicionaria, composta dos corpos mais brilhantes do seu exercito, cujo commando confiára ao proprio general em chefe, não devia esperar a Junta, que, limitando-se até então os officiaes de marinha britannica unicamente a pedir e fazer solitações instantes e amigaveis, para que os vasos de guerra da Junta ficassem inactivos dentro